

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

EVELYN VAN KUYK

**MEDO E VINGANÇA: AS ACUSAÇÕES DE BRUXARIA NO
TRIBUNAL DE SALEM, MASSACHUSETTS, NO SÉCULO XVII**

JUIZ DE FORA – MG

2022

Evelyn van Kuyk

**MEDO E VINGANÇA: As acusações de bruxaria no tribunal de Salem,
Massachusetts, no século XVII.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de
graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora
como requisito para obtenção do título de Bacharel em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Célia A. R. Maia Borges

Juiz de Fora – MG

2022

Evelyn van Kuyk

**MEDO E VINGANÇA: As acusações de bruxaria no tribunal de Salem,
Massachusetts, no século XVII.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em História da
Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito para obtenção do título de
Bacharel em História.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Célia A. R. Maia Borges – orientadora

Prof.^a Beatriz Helena Domingues – UFJF - leitora crítica

AGRADECIMENTOS

Alguns agradecimentos são necessários. Agradeço em primeiro lugar a meu pai, Juan Miguel van Kuyk, que sempre fez questão de me mostrar a importância de estudar. Espero que esteja orgulhoso, de onde estiver. Tudo que eu fiz desde os 16 anos até agora foi pensando na sua felicidade.

Agradeço também à minha avó, Iza Silva de Araújo Braga, que está comigo em todos os momentos, presencialmente ou não. Obrigada por todas as orações e a ajuda, sem você eu não teria conseguido.

À minha orientadora Célia, que sempre teve toda a paciência do mundo em me ajudar e a me ensinar.

Aos meus cachorros, Caleb e Kenai, por serem a maior razão da minha felicidade e meu incentivo diário para levantar da cama e enfrentar o dia. Não teria conseguido sem eles.

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo analisar toda a trajetória da construção da figura da bruxa, com enfoque no caso ocorrido e julgado pelo tribunal de Salem, em Massachusetts, no ano de 1692. A análise buscou entender como a Igreja moldou a mente de seus fiéis, os colocando em uma posição de ódio e intolerância contra a figura inventada por eles a respeito dos poderes malignos das bruxas, visões estas que migraram da Europa até as colônias britânicas, constituindo a acusação contra as mulheres pelo tribunal de Salem, o mais famoso caso de bruxaria na América do Norte.

PALAVRAS – CHAVE: Bruxaria, Salem, mulheres.

ABSTRACT:

With a particular emphasis on the case that happened and was decided by the court in Salem, in 1692 Massachusetts, the present work aims to analyze the entire trajectory of the construction of the figure of the witch. The analysis sought to comprehend how the Church molded the minds of its believers, placing them in a position of hatred and intolerance toward the figure they invented. These views have migrated from Europe to the British colonies, constituting the indictment against women by the Salem court, the most famous case of witchcraft in North America.

KEYWORDS: Witchcraft, Salem, women.

SUMÁRIO

1. Introdução	5
2. Capítulo I	9
3. Capítulo II.....	26
4. Capítulo III.....	44
5. Conclusão.....	58
6. Referências Bibliográficas.....	61

INTRODUÇÃO

O objeto de pesquisa desta monografia está centralizado nos julgamentos que ocorreram na aldeia de Salem, no estado de Massachusetts, Estados Unidos da América, no ano de 1692, quando o país ainda era uma colônia britânica. Os julgamentos que serão analisados compreendem as acusações de bruxaria que o povoado enfrentou durante o período de um ano.

Durante minha graduação em história, o tópico de bruxaria sempre me despertou grande interesse. Eu queria entender o que havia por trás de todas as mortes, acusações e torturas que envolveram a caça às bruxas, um fenômeno que para mim, parecia um pouco inexplicável. O que faz uma pessoa ser morta por uma acusação que não pode ser provada de fato? Estamos lidando com uma acusação dentro de um campo obscuro, uma denúncia de algo que não pode ser tocado, presenciado. Uma acusação que muitas vezes é proferida sem a menor necessidade de provas, apenas uma palavra contra a outra. O que teria tornado a bruxaria algo considerado tão perigoso a ponto de matar pessoas por isso? E como isso chegou até uma pequena aldeia numa colônia britânica, proveniente da Europa e mostrando ainda sua força ao penetrar no território norte americano? Qual a explicação plausível para entender como uma pessoa era levada até à forca e executada na frente de seus conhecidos e familiares?

A figura da bruxa sempre me trouxe um pouco de fascínio, presente nas histórias infantis. Essa imagem de uma mulher solitária, misteriosa e poderosa parecia algo surreal. De onde teria vindo essa figura no imaginário popular? Havia existido de fato algo assim, ou foi algo inventado e mais tarde perpetuado pela mídia dentro de contos e filmes?

Ao estudar um pouco mais a fundo, uma figura específica me despertou interesse: Bridget Bishop, uma senhora de poucos amigos e feição nada amigável que se tornou a primeira pessoa a ser executada nos tribunais de Salem, no dia 10 de julho de 1692. O que essa senhora teria feito de tão desagradável para despertar a ira das dezenas pessoas que a acusaram? Como uma mulher pobre, mãe, vítima de abuso doméstico, se tornou a imagem da bruxaria em uma aldeia simples, onde nada parecia estar fora do comum? Foi essa pergunta que eu me propus a desvendar; a entender em que momento a figura da mulher se atrelou à imagem de uma bruxa, e em que momento a bruxaria se tornou algo tão perigoso que apenas uma acusação poderia sentenciar alguém à morte.

Para entender melhor cada aspecto que envolve a figura da bruxa, antes de chegar até o tribunal de Salem, a pesquisa buscou entender de onde surgiu a definição conhecida de uma

bruxa, até chegar ao tribunal e os julgamentos em Massachusetts, caminhando até o julgamento de Bishop.

O primeiro capítulo foca em compreender como a figura da bruxa foi historicamente construída. Logo eu percebi o papel imenso que o cristianismo representou nessa elaboração. Para entender toda a ligação entre bruxaria, satanismo e a figura feminina, alguns autores foram essenciais. Dentre estes, destaca-se Brian Pavlac, autor de *“Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média.”* Foi com a ajuda desse autor que eu pude entender melhor em que momento a figura feminina se atrela à bruxaria, e como esse processo aconteceu a partir de uma missão misógina da Igreja Católica, que ditou as regras de como a população deveria viver e conduzir sua fé. A demonização da sexualidade também foi grande responsável por transformar a figura feminina de uma imagem quase mitológica para um ser fatal, maliciosa e perversa. É dentro desse processo que nasce a correlação entre bruxaria e promiscuidade, compilado na figura feminina. Também entendi o papel do sexo nessa construção, ao ser colocado como algo pecaminoso, inserindo a mulher no cerne dessa questão, como uma “tentação” ao homem. Ao perceber como o sexo era visto pela população durante a Idade Média, também compreendi a missão da Igreja em definir a bruxaria como promíscua, atrelando seus rituais com orgias e paródias do cristianismo, se colocando com uma oposição direta a Deus e a tudo que ele representava. O capítulo mostra como história da caça às bruxas e como o fenômeno da bruxaria se tornou algo considerado tão maligno a ponto de justificar torturas e mortes. Foi nesse período que aproximadamente sessenta mil pessoas morreram, em decorrência de acusações de bruxaria. Em um estudo importante sobre a caça às bruxas no período moderno, o autor Trevor-Roper, em sua obra *“The European Witch Craze”*, demonstra a obsessão à perseguição às bruxas na Europa no decorrer do séculos XVI e XVII. Católicos e protestantes investiram contra as bruxas. Com essa base, podemos entender como as perseguições alcançaram a magnitude neste período, e de que maneira os ideais difundidos pelos teólogos foram assimiladas pelos juristas e demais pessoas da sociedade, norteando todos os momentos na construção dos argumentos e acusações. O período de caça às bruxas que a Europa enfrentou na Idade Moderna nos trás uma base para entender o tribunal a ser estudado em Salem.

Igualmente fundamental para entender o porquê da bruxaria ter se transformado em algo que deveria ser exterminado, erradicado foi o estudo realizado por Jeffrey B Russel em *“História da bruxaria”*. Mostrou o autor que a missão do cristianismo para defender sua fé e acabar com qualquer indício de “satanismo” no mundo foi algo que justificaria todas as mortes, perseguições e torturas. Foi com a expansão do cristianismo e a demonização das religiões pagãs que surgiu a conexão entre bruxaria e satanismo, pois acreditava-se que aqueles que

veneravam a outros deuses que não fosse o Deus dos católicos estariam na verdade, venerando demônios. Durante a Idade Média, os dois fenômenos se conectaram, e a bruxaria se tornou atrelada à imagem do Diabo, o que serviu para justificar a morte daqueles acusados de praticá-la, seguindo a regra imposta em Êxodo 22:18: “A feiticeira não deixarás viver.”

O autor Jean Delumeau com seu livro “*História do Medo no Ocidente*” também foi extremamente necessário para se compreender a construção da imagem negativa da mulher feita por teólogos no período medieval. Delumeau demonstra a difusão e o reforço de uma visão quase demoníaca que a mulher representava para os homens, dedicando um capítulo da obra para exemplificar como a mulher foi projetada por teólogos como uma “auxiliar do demônio.” Assim, podemos entender de onde surge aquela imagem tão negativa da mulher bruxa e porque essa imagem causava tanto pânico e histeria coletiva.

O segundo capítulo conta o que aconteceu na aldeia de Salem, como a histeria de bruxaria teve início, como a população vivia e suas primeiras acusadas. A comunidade de Salem, histórica e extremista religiosa, realizou uma caça às bruxas realmente ímpar na história norte americana. Com base em pesquisa de arquivo e a consulta aos livros de vários autores, o capítulo conta o ocorrido na cidade americana ao final do século XVII.

Alguns trabalhos foram essenciais para escrever o capítulo. A autora Frances Hill, de “*A desolution of Satan: The full story of the Salem Witch Trials*” fez uma extensa pesquisa sobre cada detalhe da história, que se inicia com a possessão misteriosa de um grupo de meninas, que passam a acusar mulheres dentro do vilarejo de praticarem bruxaria. Logo, a situação saiu do controle, a prisão da cidade ficou lotada de possíveis culpados e as mortes iniciam. Ao estudar mais a fundo sobre a história de Salem, é possível entender melhor o que ocorreu. Principalmente ao perceber que, praticamente toda a população do vilarejo era puritana, uma religião com fortes ideais conservadores. Além disso, ao pesquisar um pouco mais o passado da cidade, com a ajuda da obra “*Salem Witchcraft*” de Charles Upham, percebe-se que o pânico que foi instaurado na aldeia já existia muito antes dos julgamentos, com um constante estado de medo da população de Salem de ataques dos nativos americanos, que ainda viviam nas florestas locais. A autora Stacy Schiff, de “*As bruxas*” também foi um estudo importante neste trabalho ao lembrar que o julgamento por bruxaria foi um elemento único de tribunais de bruxaria no continente.

No terceiro capítulo, analisamos a história de Bridget Bishop, primeira mulher a ser morta em decorrência dos julgamentos de bruxaria de Salem. Ao pesquisar sobre sua vida, percebi que o material era um pouco escasso, mas encontrei grande parte do que está escrito sobre a mulher no livro “*Six Women of Salem*” de Marylenne K. Roach, que dedicou um

capítulo inteiro a contar a biografia da mulher, além de todas as acusações de bruxaria que ela enfrentou durante anos, acumulando inimigos e sendo a primeira condenada no tribunal inquisitorial de Salem. Nesse capítulo, onde é contado cada caso misterioso onde ela esteve envolvida, é possível entender um pouco melhor o que a levou à forca. Também nos ajuda a compreender em quais pontos Bridget se encaixava no estereótipo criado de “mulher bruxa” um conceito que surgiu em meados da Idade Média.

Em suma, o objetivo central do trabalho foi estudar os julgamentos de Salem dentro de uma tradição maior; entender o ocorrido a partir de um ângulo ampliado, buscando inserir as acusações e punições no interior de um processo de construção da figura da bruxa desde a Idade Média, passando pela caça às bruxas durante a Idade Moderna e chegando até o julgamento de Bridget Bishop.

1 A MULHER NO DISCURSO DA IGREJA: AS AGENTES DE SATANÁS

Ao pensar na figura de bruxa, a primeira coisa que se imagina é uma idosa solitária, vivendo reclusa em uma floresta, dentro de uma casinha de madeira. Lá dentro, estariam seu caldeirão, sua vassoura, poções mágicas e o corpo de criancinhas, prontas para serem devoradas. Essa noção de bruxa pode ser observada até mesmo nos tempos da Roma Antiga, pelo nome de “*strix*” uma mulher que se transformava em uma coruja e matava bebês em seus berços, além de ter o poder de tornar homens sexualmente imponente e realizar banquetes de carne humana¹. A Grécia antiga igualmente atribuía poderes às feiticeiras, com o apoio do deus *daimon*, origem da palavra demônio:

“O pensamento greco-romano também iniciou a estreita vinculação da feitiçaria com a demonologia, que se tornou a característica dominante da bruxaria europeia. Acreditavam os gregos que todas as variedades de feiticeira faziam seus trabalhos depois de consultarem daimones. O grego *daimon*, do qual deriva a nossa palavra “demônio” foi usado por Homero quase como sinônimo de *theos*, “deus.” Depois de Homero, a palavra passou a significar um ser espiritual inferior a um deus (...) Mas quando Xenócrates, o discípulo de Platão, dividiu o mundo espiritual entre deuses e demônios, transferiu as qualidades sombrias dos deuses para os demônios, que daí em diante foram considerados entidades malignas. Portanto, a consulta a demônios praticada pelas feiticeiras ficou estreitamente ligada aos poderes das trevas”.²

Alguns elementos da religião greco romana também contribuíram para a construção da figura da bruxa, como é o caso dos espíritos chamados “lâmias” que vagavam pelo mundo seduzindo os homens e fazendo mal às crianças³. Além disso, o ritual do deus Dionísio serviu como uma base para explicar como seriam os ritos de bruxaria na época medieval. Eram rituais que aconteciam à noite, numa caverna, liderados por mulheres. Dionísio era representado pela figura de um bode, que era tido como o símbolo da fertilidade⁴. Essa figura do bode também foi utilizada para representar a figura do Diabo. É necessário entender a importância da figura do Diabo dentro da Bíblia, pois a bruxaria medieval tem suas raízes na figura satânica.

“Os festivais de Dionísio tornaram-se o modelo para os ritos supostamente praticados pelas bruxas medievais. Os ritos dionisiacos tinham lugar a noite, frequentemente numa caverna ou gruta, locais relacionados com a fertilidade e com os poderes do mundo inferior. Seus participantes eram usualmente mulheres lideradas por um sacerdote. A procissão empunhava archotes e uma imagem fálica, e conduzia um bode negro ou sua imagem. O bode, símbolo da fertilidade, representava Dionísio, que era geralmente

¹ A. PAVLAC, Brian. Witch Hunts in the Western World: Persecution and Punishment from the Inquisition through the Salem Witch Trials. Nebraska, Bison Books. 2010, p. 10.

² B. RUSSEL, Jeffrey. História da bruxaria: feiticeiras, hereges e pagas. New Delhi, Goya Publishing. 2019, p. 56

³ Idem, p. 63

⁴ Idem, p. 63

retratado com pelos e chifres. O rito concluía com libações de vinho, danças extáticas e sacrifício de animais.⁵”

Os festivais de Dionísio muito se assemelham a uma ideia de sabás das bruxas, algo que estava extremamente presente no imaginário da população durante a histeria de caça às bruxas. Nesse sabá, as bruxas se reuniam e supostamente realizaram todo tipo de prática maléfica, desde sacrifício de humanos à orgias. O autor Jeffrey B Russel, de “*História da bruxaria*” defende que as acusações de práticas de orgias dentro dos festivais de Dionísio eram exageradas, mas existia sim a prática sexual⁶. Na Itália, a versão romana do festival, conhecida como *Bacchanalia*, continha tantos elementos sexuais que sua celebração foi proibida pelo Senado em 186 A.C⁷. A *Bacchanalia*, que mais tarde seria conhecida no português como “bacanal” é definida como uma festa em que reina a devassidão e se tornou uma parte importante da literatura da bruxaria europeia⁸.

O cristianismo foi responsável por transformar elementos de diferentes culturas em algo maléfico, nefasto. Para entender como esse processo foi feito, primeiramente é necessário entender como aconteceu a expansão da religião.

Com o advento do cristianismo e a perseguição dos cristãos pelos Romanos, muitos dos adeptos da religião foram mortos e acabaram se tornando mártires⁹. De forma lenta, o cristianismo foi ganhando mais adeptos e expandindo seu número de fiéis, até que se tornou uma religião assimilada pelo poder imperial romano.

No século 4, o Imperador Constantino permitiu a tolerância religiosa, fazendo com que o cristianismo conseguisse ainda mais adeptos, e o processo de apagamento da religião pagã continuou, com cristãos destruindo templos e assassinando líderes religiosos¹⁰, tudo em uma missão para tornar o cristianismo a norma dentro da sociedade. Dessa forma o processo contrário aconteceu – os cristãos passaram a perseguir os praticantes do paganismo.

Assim, o paganismo foi sendo apagado, e tendo diversos elementos incorporados à nova religião. Na tentativa de eliminar a religião pagã, os cristãos tomaram posse de diversos elementos de sua fé, como foi o caso da divindade Pan, que se transformou na medonha figura

⁵ B. RUSSEL, Jeffrey. *Historia da bruxaria: feiticeiras, hereges e pagas*. New Delhi, Goya Publishing, 2019, p. 57.

⁶ *Idem*, p. 59

⁷ *Idem*

⁸ *Idem*

⁹ A. PAVLAC, Brian. *Witch Hunts in the Western World: Persecution and Punishment from the Inquisition through the Salem Witch Trials*. Nebraska, Bison Books. 2010, p. 13

¹⁰ *Idem*

de chifres que hoje representa o Diabo¹¹. Entretanto, alguns elementos do paganismo conseguiram sobreviver em paralelo ao cristianismo, como foi o caso dos cultos de fertilidade. O paganismo continuou a existir e a ser combatido de maneira forte pela Igreja até o século XI¹².

Por muito tempo, havia por parte dos teólogos da Igreja católica uma ideia de correlação entre o paganismo e a bruxaria. Aqueles que faziam seus ritos, encontros religiosos na floresta e práticas que envolvessem a relação com a natureza e com a mudança de estações, eram tidos como praticantes da bruxaria, já que estariam adorando a outros deuses, e não ao Deus dos cristãos. Entretanto, estamos falando de dois fenômenos diferentes. Religiões pagãs que não tinham nenhuma correlação com a bruxaria, mas acredita-se que as duas acabaram se misturando em algum momento após o século IX, como afirma Jeffrey B Russel¹³, para se transformar na bruxaria medieval. O paganismo pode ser lido como uma crença centrada na natureza, inclusive a própria palavra vem de “*paganus*” que pode ser traduzida do latim para algo como “homem que fica na terra.”¹⁴ Logo, o paganismo foi tomando uma definição de alguém “sem religião.”

O desaparecimento do paganismo e o surgimento da bruxaria acontecem após as grandes mudanças sociais vividas pelo crescimento das cidades e o rápido crescimento populacional.

Muitos aspectos da feitiçaria hebraica também exerceram influência na construção da imagem da bruxaria europeia, pois durante o processo de tradução da Bíblia hebraica, alguns significados de palavras sofreram mutações. Um dos primeiros indícios de intolerância a qualquer tipo de prática de magia aparece na Bíblia, em Êxodo 22:18, onde está escrito “A feiticeira não deixará viver.” Em hebreu, a tradução exata não significava feiticeira, mas sim algo como alguém que usa veneno de maneiras sobrenaturais¹⁵. No texto original, em hebraico, é ordenado que seja dada a morte a um “*kashap*”, visto como um mago, mas não associado a figura do Diabo. Ao traduzir a frase inteira para o latim, a tradução teria ficado como “*Maleficos non parireis vivere*” que significa “Não permitirás que os maléficos vivam.”¹⁶ A origem do

¹¹ A. PAVLAC, Brian. Witch Hunts in the Western World: Persecution and Punishment from the Inquisition through the Salem Witch Trials. Nebraska, Bison Books. 2010, p. 13.

¹² RICHARDS, Jeffrey. Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média. Rio de Janeiro, Editora Zahar. 1993, p. 183

¹³ RUSSEL, Jeffrey. Historia da bruxaria: feiticeiras... op.cit, pg 80.

¹⁴ HIGGINBOTHAM, River. Paganism: An introduction to Earth-Centered Religions. Minnesota, Llewellyn Worldwide. 2002, p. 254.

¹⁵ A. PAVLAC, Brian. Witch Hunts in the Western World: Persecution and Punishment from the Inquisition through the Salem Witch Trials. Nebraska, Bison Books. 2010, p. 13.

¹⁶ RUSSEL, Jeffrey. Historia da bruxaria: feiticeiras... op.cit, p. 60

termo “maléfico”, muito utilizado para se referir às bruxas medievais, aparece quando as perseguições às bruxas se intensificaram na Europa. Antes disso, o termo “maléfico” era utilizado de forma vaga, sendo aplicado para se referir a qualquer tipo de criminoso¹⁷. O termo maléfico foi utilizado no maior manual de caça e morte às bruxas escrito: “*Malleus Maleficarum*” que pode ser traduzido como “*harmful magic*” (magia prejudicial.)

A figura do Diabo surge dentro da Bíblia como a maior preocupação para o povo cristão. Como citou o autor Brian Alexander Pavlac, da obra *Witch Hunts in the Western World*: “A Bíblia conta como os antigos hebreus consideravam os deuses de seus vizinhos no Oriente Médio, Baal, Asthoreth, etc, demônios. Muitas histórias nas escrituras hebraicas, o Antigo Testamento cristão, descreve a vitória dos profetas de Deus contra pastores pagãos e seus demônios.¹⁸”

A religião hebraica ajudou a construir o conceito de Diabo¹⁹. O nome de Satanás logo surge como uma figura de importância dentro da Bíblia. Como uma maneira de explicar a existência do mal e de tudo que há de ruim na terra, a religião hebraica apresenta Satanás, o destruidor, que se colocava diretamente contrário a tudo que Deus representava. Se Deus era a luz, Satanás era a treva. Se Deus era a paz, Satanás a destruição. A tradição cristã identifica Satanás como a cobra tentadora do paraíso, que tentou Adão e Eva, sendo diretamente responsável pelo Pecado Original. Nesse momento, quando a cobra convence Eva a provar do fruto proibido, o Diabo coloca a mulher como participante direta no pecado original, o que ajudaria a construir uma narrativa misógina de uma figura feminina não confiável durante a Idade Média. Além disso, o próprio ato de comer do ‘fruto proibido’ também auxilia num processo de destruição da reputação das mulheres, pois na verdade, o fruto proibido seria uma alusão para a prática do sexo. Basicamente, a figura do Diabo, que aparece como uma serpente na Bíblia, tentou Eva a fazer sexo com Adão. Desta forma, a imagem da mulher foi se tornando, com o auxílio dos religiosos, uma imagem de mulher traiçoeira e tentadora, a verdadeira responsável por todo o caos na humanidade, uma vez que o casal foi expulso do paraíso e causou a ira de Deus, que os retirou do paraíso para que comessem uma vida na terra, enfrentando todos os problemas e pragas que não faziam parte do paraíso. O fato de Adão e Eva terem praticado o ato sexual também se torna claro quando o casal passa a sentir vergonha de andar sem roupas, algo que não havia necessidade de usar no paraíso. Depois de ter sido corrompido

¹⁷ RUSSEL, Jeffrey. Historia da bruxaria: feiticeiras... op.cit, p. 67

¹⁸ A. PAVLAC, Brian. *Witch Hunts in the Western World*: Persecution and Punishment from the Inquisition through the Salem Witch Trials. Nebraska, Bison Books.2010, pg 13

¹⁹ RUSSEL, Jeffrey. Historia da bruxaria: feiticeiras..., op.cit, pg 68

por Eva, Adão começou a se sentir envergonhado por andar nu, um elemento que também ajudaria a tornar o sexo algo vergonhoso dentro da ótica cristã.

Quando os cristãos colocaram a figura de Satanás representando o mal e se colocando contrário a tudo que Deus representava, a feitiçaria se colocou como algo hostil a Deus²⁰. Entende-se que, a partir dessa definição de mal, quando um feiticeiro estava invocando espíritos maléficos, estava convocando o próprio Diabo, e portanto, ameaçando os cristãos. Dessa forma, tornava-se necessário aniquilar os feiticeiros, portanto, não poderiam permitir uma bruxa viver.

Assim, a conexão entre feitiçaria e satanismo foi feita, justificando toda a caça e morte às bruxas, pois os cristãos tomavam qualquer tipo de prática de feitiçaria como uma ameaça direta ao cristianismo, como citou Jeffrey B Russell em *História da bruxaria*:

“A postura do cristianismo era clara. Por um lado, havia os seguidores do Bem e da Luz; do outro, os adeptos do mal e das Trevas, entre os quais se destacavam os feiticeiros.²¹”

1.1 A figura da mulher na bruxaria

Nas acusações de bruxaria, as mulheres representam a maioria. Não só nos arquivos, nos registros de perseguições por parte de juízes e teólogos, o número de mulheres processadas é bem superior aos homens. Não por acaso esse retrato da bruxa encontra-se no imaginário coletivo e assim foi retratada em filmes, contos de fadas, livros e fábulas. Mas porquê seriam as mulheres as responsáveis em sua maioria a praticarem a bruxaria? Como foi apresentado anteriormente, a associação do mal à Eva foi divulgada pela Igreja, principalmente no período medieval. A literatura disseminou igualmente a imagem da feiticeira responsável por propagar o mal que a Igreja católica assimilou à figura da mulher:

“A imagem da feiticeira na literatura clássica é quase uniformemente tenebrosa: Circe, a sedutora; Medeia, a assassina; Dipsias, de Ovídio, Oenoteia, de Apuleio e especialmente Canída e Savana, de Horácio, aquelas que com seus rostos lívidos e hediondos, cabelos desgrenhados e roupas andrajosas, reuniam-se de noite num lugar ermo para escavar o solo com seus dedos em forma de garras, esquartejar um cordeiro negro, comer-lhe a carne e invocar os deuses infernais. Essa tradição literária da feiticeira perversa serviu facilmente de base para a ulterior imagem cristã da bruxa.²²”

A mulher foi acusada de introduzir o pecado na terra, responsável pelos males no mundo²³. Se os teólogos da Igreja não inventaram o medo da mulher, o cristianismo incorporou e disseminou. Jean Delumeau destacou os séculos XIV ao XVII o período de radicalização do

²⁰ RUSSEL, Jeffrey. *Historia da bruxaria... op.cit*, p. 71

²¹ *Idem*, p. 74

²² *Idem*, p. 61

²³ DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.314.

discurso sobre os males provocados pela mulher numa época em que identificou como “antifeminismo agressivo”. Mas lembra o autor que também não pode simplificar demais o discurso pois de outra forma os teólogos, em contraposição à figura da Eva, pecadora, responsável pelos pecados e desgraças na terra, de outro lado, exaltaram a figura da Maria.

Rose Maria Muraro acentua que houve um período da história onde a figura da mulher era tratada de forma positiva, afinal, ela seria a progenitora da vida, um ser sagrado. A autora exemplifica essa mudança na imagem das mulheres na introdução da edição brasileira de *O martelo das feiticeiras*:

“Também nas sociedades de caça, a mulher era considerada um ser sagrado, que possuía o privilégio dado pelos deuses de reproduzir a espécie. Os homens se sentiam marginalizados nesse processo e as invejavam. Essa primitiva “inveja do útero” é o antepassado da moderna “inveja do pênis”, que sentem as mulheres nas culturas patriarcais mais recentes²⁴.”

Esse fenômeno de “inveja do pênis” que a autora Rose Marie Muraro descreve, é um conceito introduzido na psicanálise. De acordo com Freud, a menina passaria a ter seu desenvolvimento sexual a partir do momento em que percebe que não tem um pênis. O homem, então, sentiria um “medo da castração” quando confrontado com o sexo feminino. Mas, como bem lembrou Delumeau, “as raízes do medo da mulher no homem são mais numerosas e complexas do que pensara Freud, que o reduzia ao temor da castração, ela mesma consequência do desejo feminino de possuir um pênis”. Concordamos com o autor quando diz que “essa inveja do pênis não é sem dúvida senão um conceito sem fundamento introduzido subrepticamente na teoria psicanalítica por um tenaz apego à superioridade masculina”²⁵.

Mas vale lembrar que o medo da castração, de forma diferente, aparece em um dos capítulos de “*O martelo das feiticeiras*” onde está escrito que as bruxas, com o auxílio de um demônio, poderiam castrar um homem.

As acusações contra as mulheres estavam disseminadas nas pregações dos padres e missionários, nos livros dos teólogos, nos variados canais de discursos oral e escrito. Não por acaso que logo os processos de bruxaria aumentariam e justificariam a caça às bruxas.

Um grupo específico de mulheres também sofreu ataques. As curandeiras, aquelas que possuíam conhecimento de ervas medicinais e ajudavam outras mulheres em períodos de doença. Essas mulheres viviam em lugarejos onde a pobreza era grande e não contavam com médicos ou hospitais para auxiliar no tratamento de doenças²⁶. A Igreja via nessas curandeiras uma verdadeira ameaça, pois elas estariam trabalhando com magia, e não medicina. Portanto,

²⁴ M. MURARO, Rose. Introdução. In: *O martelo das feiticeiras*. Rio de Janeiro, BestBolso, 2015.

²⁵ DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente*, op.cit, p. 311.

²⁶ EHRENREICH, Bárbara. *Witches, midwives and nurses: A history of women healers*. New York, Feminist Press. 2010, pg 32.

a Igreja também passou a condenar a prática das curandeiras. Mesmo que o tratamento das curandeiras atingisse o objetivo final, que era a cura, essa cura não era bem vista, pois teria sido alcançada com o auxílio do diabo²⁷. Até mesmo aquelas que conseguiam auxiliar a mulher a sentir menos dores na hora do parto, e até esta ação era vista de forma negativa pela Igreja, pois acreditava-se que as dores do parto eram uma maneira de Deus punir as mulheres pelo pecado de Eva²⁸.

“Desde a mais remota antiguidade, as mulheres eram as curadoras populares, as parteiras, enfim, detinham saber próprio, que lhes era transmitido de geração em geração. Em muitas tribos primitivas eram elas as xamãs. Na Idade Média, seu saber se intensifica e aprofunda. As mulheres camponesas pobres não tinham como cuidar da saúde, a não ser com outras mulheres, tão camponesas e tão pobres quanto elas. Elas (as cuidadoras) eram as cultivadoras ancestrais das ervas que devolviam a saúde, e eram também as melhores anatomistas do seu tempo. Eram as parteiras que viajavam de casa em casa, de aldeia em aldeia, e as médicas populares para todas as doenças²⁹.”

Logo, a mulher curandeira passou a se tornar uma ameaça para aqueles que estudavam o saber médico na faculdade³⁰. Além disso, ao se organizarem em grupos de curandeiras e trocarem conhecimento entre si, também representavam perigo, como se estivessem se organizando em uma espécie de clube secreto de mulheres, compartilhando seus segredos e formas de cuidado. Como o papel da mulher deveria ser única e exclusivamente cuidar dos serviços do lar, ela jamais poderia se equiparar ao homem em uma profissão, principalmente uma profissão tão importante quanto a prática da medicina. Ao vincular a imagem da curandeira à prática de bruxaria, afastava a mulher do seu saber, e reservava aos homens a prática exclusiva dos tratamentos, ao mesmo tempo que a sociedade patriarcal procurava manter as mulheres submissas e dependentes de profissionais homens. O dever da mulher não estava no âmbito de curar, e sim de prover ao seu marido e ao seu lar.

“Na perseguição da bruxa, o anti empirismo e misoginia, obsessões sexuais da Igreja coincidiam: empirismo e sexualidade ambos representavam uma entrega aos sentidos, uma traição da fé. A bruxa era uma ameaça tripla a Igreja: ela era uma mulher, e não sentia vergonha disso. Ela parecia fazer parte de um grupo organizado de mulheres camponesas. Ela era uma curandeira cuja prática era baseada no estudo empírico. Na face do fatalismo repressivo da Cristandade, ela representava a esperança de mudança no mundo.³¹”

1.2 Sexo e bruxaria

²⁷ EHRENREICH, Bárbara. *Witches, midwives and nurses: A history of women healers*. New York, Feminist Press, 2010, pg 34.

²⁸ *Idem*

²⁹ M. MURARO, Rose. In: *Introdução: O martelo das feiticeiras*. Rio de Janeiro, BestBolso, 2015.

³⁰ M. MURARO, Rose. In: *Introdução: O martelo das feiticeiras*. Rio de Janeiro, BestBolso, 2015.

³¹ EHRENREICH, Bárbara. *Witches, midwives and nurses: A history of women healers*. New York, Feminist Press, 2010, p. 35

O processo de demonizar a imagem da mulher era auxiliado pela sexualidade e todo o tabu e medo que cercavam o ato sexual. Mais uma vez, a Igreja foi a grande responsável por transformar o ato sexual em algo repugnante, pecaminoso, e a mulher estaria no centro dessa questão.

Após a destruição causada pela Peste Negra, a população receava o fim dos tempos. Existia um pensamento de que o fim estava chegando, evidenciado pelo caos e mortes advindos da peste. No cerne dessa visão apocalíptica estava a figura do Anticristo³², que já havia se tornado um elemento presente na cultura e imaginário popular, manifesto em peças de teatro e poemas. Dentro de uma batalha predominante entre o bem e mal, o homem medieval precisava escolher um lado, pois o fim estava próximo.

Essa ideia de que o fim do mundo estava próximo serviu para deixar o homem mais temente a Deus, afinal, se o mundo iria acabar, logo haveria o encontro com o Criador, e aqueles que foram bons e seguiram os mandamentos da Bíblia iriam desfrutar do paraíso, enquanto os pecadores iriam sofrer pela eternidade no inferno. Assim, cada vez mais, o ato de pecar era ainda mais temido pela população, que buscava viver dentro das normas da Igreja, dentro da moral cristã. A peste trouxe ainda imensas consequências dentro do campo intelectual, com a perda inestimável da população, entre eles grandes intelectuais, e até mesmo a perda física de universidades espalhadas pela Europa, com a perda de 20 universidades entre 1350 e 1400³³. Essa ala intelectual perdida se provou extremamente penosa para a Europa nos anos seguintes.

Neste momento tornou-se mais comum e necessário o auto exame, a auto avaliação, momento em que até mesmo a forma de orar mudou: de joelhos e mãos dadas, fazendo reverência a esse momento a sós com Deus³⁴. Dentro dessa ótica, a confissão na Igreja desempenhou um papel importante. Era o momento de cada um buscar sua salvação individual.³⁵

O movimento de controle sobre a vida da população havia se aprofundado com o Quarto Concílio de Latrão em 1215. Com o aval do Papa, o Concílio reafirmou a importância do clero, a exterminação dos hereges e dos infieis, dando ênfase a importância das cruzadas³⁶. Importantes governantes, como Luis VIII da França, incorporaram muitas das medidas ali

³² RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro, Editora Zahar. 1993, pg 16

³³ *Idem*, p. 52.

³⁴ *Idem*, p. 27

³⁵ *Idem*, p 19.

³⁶ *Idem, ibidem*

escritas a seus códigos legais³⁷. Um dos primeiros conjuntos de regras foi o estabelecimento de controle da Igreja sobre a vida e crença da população, tornando obrigatória a confissão e comunhão anual. Além disso, baniu os casamentos clandestinos, assegurando o controle clerical sobre a união matrimonial e proibiu a realização de pregações sem licença papal, num movimento para controlar o que poderia ou não ser dito durante os cultos. Dessa forma, casamento, pregação e cultos – os aspectos mais importantes da vida medieval - foram colocados sob uma ótica de extenso controle³⁸.

O papel da Igreja por si só já era avassalador o suficiente, e aumentou quando se juntou ao Estado. Com as duas unidades de força juntas, avaliando e ditando o que seria melhor para a sociedade, os moldes do mundo como conhecemos seria iniciado. Com a emergência das monarquias, aconteceu a ascensão da sociedade persecutória, como afirma o autor R.I Moore³⁹. A partir do momento em que a autoridade judicial foi removida das mãos do povo e vai parar nas mãos dos poderes centralizadores, o poder fica concentrado na mão do Estado, que agora detinha todos os meios para julgar sua população.

“A afirmação da autoridade legal por reis e papas é vista como parte de um processo de remoção da autoridade judicial das mãos da comunidade e do povo para os poderes centralizadores. Moore vê isso em paralelismo direto com a ação contra os hereges. A heresia expressava a independência comunal e valores coletivos e tinha que ser suprimida por uma Igreja centralizadora e autoritária (...) De modo geral, Igreja e Estado cooperaram voluntariamente no sentido de estabelecer uma nova ordem na Europa, baseada em nações – estados, na monarquia papal e nas casas nobiliárias⁴⁰.”

A Igreja visava o controle da vida sexual de sua população, e alcançou esse objetivo com êxito. Ao pregar sermões dizendo que os pecadores sexuais eram punidos por Deus, que os tornaria leprosos, a Igreja consegue implantar uma verdadeira onda de medo em seus fiéis, e torna o sexo algo tenebroso. A luxúria, os dos pecados capitais, era vista como uma ligação direta com o Diabo, e atos como sodomia eram os grandes responsáveis por catástrofes naturais.

Havia um verdadeiro manual de regras sexuais dentro da Igreja, que deveria ser seguido à risca. O sexo era visto como um “mau necessário” algo que precisa acontecer para a perpetuação de vida na terra, e com as perdas causadas pela Peste, era mais necessário do que nunca que a população se reproduzisse o mais rápido possível. Dentro dessa ótica, o ato sexual deveria ser utilizado apenas como um meio de procriação. Qualquer ato de contracepção era

³⁷ RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1993, p. 32.

³⁸ Idem, p. 31.

³⁹ MOORE, Robert. *The formation of a persecuting Society: Authority and Deviance in Western Europe*. New Jersey, Wiley-Backwell, 2007.

⁴⁰ RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação.... op.cit*, p. 42.

visto como um dos maiores pecados, pois estava impedindo a vida de ser gerada. O sexo puramente por prazer era estritamente proibido. Todos ato sexual gerava penitências, geralmente um jejum de pão e água. Assim, o papel sexual da mulher fica restrito a função de ser mãe, de gerir a vida. Culpada desde o Pecado Original, quando Eva teve o desejo sexual, a mulher era vista como um verdadeiro instrumento do Diabo, para causar luxúria e desvirtuar os homens dos caminhos de Deus⁴¹. Ela é diabólica, sedutora e inferior ao homem. Todo esse pensamento se desdobra no pensamento misógino já conhecido, de que a mulher seria incapaz de fazer outra coisa a não ser dar a luz. Seria inapta para trabalhos, para governar, para fazer qualquer coisa além de seguir os passos da Virgem Maria, se ocupando com a função de maternidade e obediência. A mulher que não seguisse o caminho do celibato (como freira) deveria seguir suas funções como mãe, respeitar seu marido e jamais se rebelar.

“As mulheres tinham a sua sexualidade rigidamente controlada pelos homens. O casamento era monogâmico e a mulher era obrigada a sair virgem das mãos do pai para as mãos do marido. Qualquer ruptura dessa norma podia significar a morte. A mulher fica, então, reduzida ao âmbito doméstico. Perde qualquer capacidade de decisão no domínio público, que se torna inteiramente reservado ao homem.⁴²”

A sexualidade era vista como algo perturbador pela Igreja. A virgindade e a castidade eram temas exaltados pelos teólogos; o paraíso estaria reservado aos “puros”. Jean Delumeau a este respeito escreveu:

“A sexualidade é o pecado por excelência: essa equação pesou fortemente na história cristã. O casamento que se acostuma às volúpias – sendo estas comparadas ao “pus” por Metódio de Olimpo – opõe-se à contemplação das coisas divinas.⁴³”

Assim, com as confissões e penitências, a Igreja poderia observar atentamente seus fiéis, vendo de perto quem estava seguindo os dogmas e quem estava caindo no caminho do pecado. Todavia, até mesmo as penalidades sofridas eram diferentes. Os mais velhos eram punidos de maneira mais severa que os jovens, pois deveriam mostrar mais maturidade a fim de serem o exemplo dos jovens. A penalidade caía sobre quem cometesse alguma infração, como sexo em momentos proibidos (em dias de festas religiosas, domingos, ou quando a mulher era considerada impura, em casos de gravidez ou menstruação⁴⁴.) A única forma aceita de praticar o ato sexual era na posição missionária: o ato só deveria ser praticado à noite, e parcialmente vestido. O sexo completamente despido era mal visto, pois trazia essa ideia de desejo sexual. Qualquer outra forma de sexo era estritamente proibida, principalmente o sexo anal, que não

⁴¹ RICHARDS, Jeffrey. Sexo, desvio e danação... op.cit. p. 67.

⁴² M. MURARO, Rose. Introdução. In: *O martelo das feiticeiras*. Rio de Janeiro, BestBolso, 2015.

⁴³ DELUMEAU, Jean. História do medo no Ocidente: 1300-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pg 465.

⁴⁴ RICHARDS, Jeffrey. Sexo, desvio e danação... op.cit, p. 75.

servia função alguma para procriação⁴⁵. Todo esse processo de controle da vida sexual da população acabou acarretando em um processo do controle do corpo feminino, criando um novo ideal para a mulher, cujo papel era se tornar devota ao esposo e recatada. Qualquer mulher que fugisse desse papel teria seu comportamento avaliado de maneira negativa. Esse processo é essencial para entender a construção da figura de bruxa que existiu ao redor do mundo mais tarde, pois qualquer mulher que violasse as regras já impostas pela Igreja poderia ser acusada de praticar a feitiçaria. A ideia de que a mulher seria mais suscetível à luxúria e ao desejo sexual também ajudou a construir uma imagem de mulher diabólica.

“Os hereges, que tinham com muita frequência pontos de vista muito diferentes dos da Igreja sobre assuntos sexuais (status mais elevado para as mulheres, o desinteresse pelo casamento na igreja, a rejeição da procriação) eram sistematicamente acusados pela igreja de praticarem orgias e sodomia. A lepra era tida como punição de Deus por pecados sexuais, e os leprosos eram popularmente considerados como lascivos. Dos judeus diziam que eram agentes do diabo, que tinham órgãos sexuais anormalmente grandes e que desejavam com concupiscência as donzelas cristãs. Certamente a Igreja buscava a uniformidade teológica e espiritual, mas também buscava a uniformidade sexual e estava pronta a arregimentar as autoridades seculares para impor tal uniformidade⁴⁶.”

Dentro desse processo acumulativo de propaganda negativa, a figura da bruxa foi vista como um mal que deveria ser exterminado. Com todo o aval da Igreja, os religiosos publicaram livros, realizaram sermões e dialogaram com a sociedade, com o intuito de instigar a população a investigar, comunicar, e por fim, exterminar toda suspeita de bruxaria. Esse processo, que associou a mulher a uma imagem de inferior, maléfica e satânica, trouxe consigo uma mensagem misógina, que perdurou por toda a Idade Moderna, durante o momento da caça às bruxas. A visão da mulher progenitora, a mãe, a imagem de Virgem Maria era contraposta à figura maldita da Eva. “De doadora da vida, símbolo da fertilidade para as colheitas e os animais, a situação se inverte: a mulher é a primeira e a maior pecadora, a origem de todas as ações nocivas ao homem, a natureza e aos animais.⁴⁷”

O autor Jeffrey Richards sumariza porque as mulheres eram mais suscetíveis à bruxaria em sua obra *Sexo, desvio e danação*:

“Eles explicavam que as bruxas eram muito mais inclinadas aos males da bruxaria e da adoração do demônio porque eram mais impressionáveis e crédulas do que os homens. As mulheres eram naturalmente dissimuladas, descontroladamente vaidosas, intelectualmente como crianças, e o mais importante, mais

⁴⁵ RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1993, pg 76.

⁴⁶ RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1993, pg 43.

⁴⁷ M. MURARO, Rose. Introdução. In: *O Martelo...* Op.cit, 2015.

carnais que o homem. Esta visão não era incomum. É na verdade a visão medieval oficial sobre o gênero feminino; a inferioridade das mulheres perpetuamente decretada por causa do Pecado Original de sua ancestral Eva. Mas, em “O martelo das bruxas” o que era considerado como a fraqueza inerente as mulheres passava a ser visto como sendo vinculado a promoção ativa do mal no mundo⁴⁸.”

Uma sociedade pautada pelo medo e pela religiosidade extrema encontrava nas supostas bruxas a causa para todos os males. Com uma religiosidade exagerada e uma crença de que o mal deveria ser aniquilado a todos os custos, a condenação era o caminho mais seguro a ser seguido. O autor Jeffrey Richards também exemplifica como o medo pautava a sociedade medieval:

“As pessoas no período medieval vivem com medo: medo de impostos, doença, guerra, fome, da morte e do inferno. Era uma sociedade que acreditava no sobrenatural, no poder das forças das trevas e na ação de Sata e de seus demônios no mundo. Acreditava-se também na bruxaria, que era uma explicação conveniente tanto para as catástrofes naturais súbitas (fome, epidemias, tempestades, enchentes, destruição de safras e animais) quanto para problemas familiares recorrentes, tais como impotência, infertilidade, crianças natimortas e mortalidade infantil.⁴⁹”

O sexo também teve um papel essencial na construção da figura da bruxa, mais uma vez explicado pelo autor Jeffrey Richards:

“Mas o que é talvez mais interessante do ponto de vista deste estudo é o aspecto central ocupado pelo sexo. O equivalente do batismo cristão para os bruxos era a copulação com o Diabo. As orgias sexuais indiscriminadas eram parte integrante de seus rituais. Isto reflete diretamente o medo milenar do sexo no cristianismo, e também destaca a desconfiança e o desagrado em relação as mulheres como parte integrante da cultura medieval⁵⁰.”

No manuais dos inquisidores, o sexo desempenhava um papel central nos ritos das bruxas: o grupo praticava todo tipo de pecado sexual, desde orgias até sexo com o próprio demônio. Com o tabu do sexo sendo atrelado às bruxas, é simples de entender o porquê cada vez mais a figura da bruxa criada nos moldes da Idade Média inspirava tanto medo na população. O maior manual de combate a bruxaria, O Martelo das feiticeiras, reafirma a ideia de ligação entre mulheres, bruxaria e promiscuidade:

“E como as mulheres estão essencialmente ligadas a sexualidade, elas se tornam as agentes por excelência do demônio (as feiticeiras). E as mulheres tem mais conivência com o demônio “porque Eva nasceu de uma costela torta de Adão, portanto, nenhuma mulher pode ser reta. (Parte I, Questão VI.)⁵¹”

⁴⁸ RICHARDS, Jeffrey. Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média. Rio de Janeiro, Editora Zahar. 1993, pg 181.

⁴⁹ RICHARDS, Jeffrey. Sexo, desvio e danação... op.cit, p. 177.

⁵⁰ Idem, p. 179.

⁵¹ M. MURARO, Rose. Op.cit.

Na final da época medieval, a ideia de bruxaria era extremamente conectada com Satanás, tanto que, para selar o acordo e alguém se tornar um bruxo, era necessário praticar o ato sexual com o próprio Diabo. Somente depois do ato a pessoa teria pleno acesso a seus novos poderes das trevas. Pode-se dizer que o sexo era para os bruxos assim como o batismo era para os cristãos - um ritual de iniciação. Era uma crença comum acreditar que as bruxas faziam seus rituais de maneira a satirizar os ritos cristãos. Um exemplo disso seria o momento em que uma bruxa beberia o sangue de uma criança, numa paródia da Santa Ceia⁵².

“A bruxaria na Europa Ocidental era diferente de todos os outros tipos de bruxaria em um aspecto notável. Na Europa, os bruxos passaram a ser vistos como servos do diabo. No final da Idade Média, um quadro sinistramente coerente já havia se desenvolvido, no qual os bruxos – frequentemente mas sempre mulheres – faziam pactos com o Diabo, renunciando ao cristianismo e se alistando no serviço de Sata. Eles selavam o acordo copulando com o Diabo. Reuniam-se em sabás regulares, os quais envolviam canibalismo, orgias sexuais e paródias blasfemas de cultos cristãos. Os bruxos possuíam “familiares” animais, desfrutavam do poder de voar e as vezes da capacidade de mudar de forma. Recebiam o poder de realizar o mal. Faziam parte de uma conspiração satânica de âmbito mundial, visando a minar o cristianismo⁵³.”

Com a publicação do famoso livro “O martelo das feiticeiras” tornava-se ainda mais clara a disseminação das ideias do que era bruxaria na época e como uma mulher se tornaria feiticeira. Primeiramente, o demônio procura fazer o mal a fim de atingir o maior número possível de almas e como o espírito do homem pertence a Deus, o demônio entra através do corpo. Esse domínio do corpo vem através do controle dos atos sexuais, sendo o ponto mais vulnerável do homem, onde Adão pecou. Uma vez que as mulheres estão mais ligadas à sexualidade, elas têm maior facilidade de contato com o demônio, então ocorre o ato sexual entre as feiticeiras e o demônio, Satã se torna o senhor do prazer. Depois do ato sexual, as feiticeiras obtêm seus poderes maléficis. Assim, tem início a uma verdadeira perseguição do prazer feminino, pintando a figura feminina como a maior pecadora e a verdadeira origem de todo o mal. Na Bíblia, livro de João, capítulo 10 versículo 10, Jesus diz: “O ladrão não vem senão a roubar, a matar, e a destruir.” A missão de Jesus na terra, enquanto é dar vida e abundância, entra em direto conflito com a missão de Satanás, cujo propósito na terra é a destruição e caos, levando o máximo de almas possíveis em seu caminho. Os maiores aliados do Diabo nessa missão seriam as supostas feiticeiras.

O martelo das feiticeiras foi um verdadeiro manual dos inquisidores e foi utilizado na banca de todos os julgamentos, tido como uma espécie de Bíblia para os acusadores, que o utilizaram por três séculos, até o século XVIII, quando o fenômeno cessou. Foi um manual de

⁵² RUSSEL, Jeffrey. Historia da bruxaria: feiticeiras, hereges e pagas. New Delhi, Goya Publishing. 2019, pg 81.

⁵³ RICHARDS, Jeffrey. Sexo, desvio e danação... op.cit. p 185.

tortura e morte. Dividido em três partes, a primeira parte é focada em colocar em evidência todo o poder maléfico do Diabo, o colocando como um ser de grandes poderes e aliando suas ações com a bruxaria. Uma vez estabelecida essa conexão, o manual ensina a reconhecer uma bruxa em potencial e como neutralizar suas ações. Observar as ações da bruxaria é observar os fenômenos do dia a dia, como uma vaca que está dando menos leite que o normal ou uma criança que adoce de forma repentina. A última parte do livro foca em como julgar e quais sentenças seriam dadas. Recheado com puritanismo, sadismo e delírios extremistas, o livro se transformou na base para a perseguição que seria observada na Europa e mais tarde migraria para as 13 colônias.

“Os autores de *O martelo das feiticeiras* colocaram a bula pontifical no cabeçalho de sua obra. Esta foi frequentemente isolada, sem razão, na leitura demonológica, como apenas um dos elos de uma cadeia infernal. Ela tem silêncios e meias lacunas, não diz nada do sabá e não fornece senão poucos detalhes sobre o pacto com Sata, a marca diabólica e as atividades das feiticeiras. Mas contribuiu mais que nenhuma outra antes dela para identificar a magia popular como forma de heresia, acrescentando assim um crime civil a um crime religioso e incitando os tribunais leigos a repressão. Por outro lado, anteriormente nunca se dissera com tanta clareza que a seita diabólica é essencialmente constituída de mulheres⁵⁴.”

É importante perceber a importância do sexo dentro de toda a ótica cristã. Na época medieval, havia um verdadeiro medo da relação carnal praticada apenas pensando no prazer. Se um casal fosse fazer sexo, deveria estar pensando em produzir um filho, e não em sentir os prazeres da carne. Por isso, quando associam tanto a imagem de bruxos com orgias e sexo desenfreado, também observa-se uma verdadeira missão misógina contra as mulheres, as colocando no cerne dessa questão, como as praticantes de atos libidinosos. Era dito que as mulheres eram mais suscetíveis de realizar um acordo com o Diabo, pois tinham mais facilidade em cair em tentação, algo declarado desde a época do Pecado Original, quando Eva come do fruto proibido, o que muitos estudiosos interpretam como uma metáfora, pois na realidade ela teria feito sexo com Adão. Assim, a inferioridade da mulher seria algo natural, que as acompanha desde a Criação. “A Igreja associava as mulheres com sexo, e todo o prazer no sexo era condenável, pois só poderia vir do Diabo⁵⁵.”

Além disso, as bruxas também eram acusadas de realizar abortos, ou a fornecer contraceptivos para mulheres. No próprio *Martelo das Bruxas* existe uma passagem explicando todas as funções maléficas de uma mulher no aspecto sexual. “Toda a bruxaria vem de um desejo carnal.”

⁵⁴ DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*, op.cit, p. 528.

⁵⁵ EHRENREICH, Bárbara. *Witches, midwives and nurses: A history of women healers*. New York, Feminist Press, 2010, pg 29.

“Nos olhos da Igreja, todo o poder da bruxa vinha de sua sexualidade. A sua carreira começava com o ato sexual com o demônio. Cada bruxa era confirmada em uma reunião geral (o sabá das bruxas) onde o demônio presidia, na maioria das vezes na forma de um bode, e praticava sexo com as ‘neophytes.’ Em troca de seus poderes, a bruxa lhe prometia servir com fidelidade⁵⁶.”

Divulgada pela Igreja, a sociedade assimilou e parecia obcecada com os “sabás”. Teólogos e inquisidores faziam grandes suposições do que aconteciam nestes eventos. As suposições iam desde sacrifício humano até atos de canibalismo e orgias⁵⁷.

Além da associação das mulheres aos sabás, veiculavam a imagem de pessoas vaidosas, caprichosas, facilmente impressionáveis.

No filme *A Bruxa*, lançado no ano de 2016, um diálogo interessante mostra esse lado da mulher, facilmente seduzido pelo Diabo. Na cena, Thomasin, a protagonista do filme, uma jovem puritana que vive na miséria na Nova Inglaterra dos anos 1630, tem um encontro com o Diabo, representado na forma de um bode. O Diabo então pergunta a ela se ela gostaria de “sentir o gosto da manteiga” fazendo uma alusão a provar comidas deliciosas, além de perguntar se ela gostaria de ter um lindo vestido e de viver deliciosamente. Essa ideia de que o Diabo tentaria pessoas está presente até mesmo na Bíblia, quando Jesus é tentado pelo Diabo por três dias no deserto. Enquanto o Filho de Deus foi firme e não caiu em tentação em momento algum, as mulheres já não seguiram o mesmo caminho, sendo tentadas facilmente com promessas de belas vestes e luxúria. Esse pensamento, recheado de misoginia, retratava as mulheres como inferiores, que buscavam os grandes luxos da vida, dispostas a pagar qualquer preço por isso.

Nas palavras de Jeffrey Richards, no livro *Sexo, desvio e danação*, nas pregações

“Eles [os religiosos] explicavam que as bruxas eram muito mais inclinadas aos males da bruxaria e da adoração do demônio porque eram mais impressionáveis e crédulas do que os homens. As mulheres eram naturalmente dissimuladas, descontroladamente vaidosas, intelectualmente como crianças, e o mais importante, mais carnis que o homem. Esta visão não era incomum. É na verdade a visão medieval oficial sobre o gênero feminino; a inferioridade das mulheres perpetuamente decretada por causa do Pecado Original de sua ancestral Eva. Mas, em “O martelo das bruxas” o que era considerado como a fraqueza inerente as mulheres passava a ser visto como sendo vinculado a promoção ativa do mal no mundo⁵⁸.”

⁵⁶ EHRENREICH, Bárbara. *Witches, midwives and nurses: A history of women healers*. New York, Feminist Press.2010, pg 30.

⁵⁷ EHRENREICH, Bárbara. *Witches, midwives and nurses: A history of women healers*. New York, Feminist Press.2010, pg 30.

⁵⁸ RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro, Editora Zahar. 1993, pg 181.

2 - SALEM: UMA VILA DE PURITANOS

O caso ocorreu na cidade de Salem, no final do século XVII, situada no atual estado de Massachusetts, Estados Unidos, atualmente conhecida como Denver. A cidade está localizada na foz do rio Naumkeag, território indígena que foi colonizado por pescadores europeus no ano de 1626. A história inicial de Salem foi marcada por conflitos entre plantadores de terra que acabaram realizando um acordo pacífico de forma a realizar uma transição para um novo governo. Para simbolizar esse momento, a cidade foi batizada de Salem, uma derivação do hebraico Shalom, que significa “paz”.

A população de Salem era na época formada na sua totalidade por puritanos. Os grupos de colonos que se dirigiram para a Nova Inglaterra buscaram por volta de 1640 melhores terras para o plantio⁵⁹. O novo assentamento encontrado se tornou a aldeia de Salem (Denver.) Na época dos julgamentos, em 1692, Salem era dividida em duas partes: a cidade e o vilarejo⁶⁰. Essa divisão também foi responsável por gerar conflitos. A parte da população que morava na aldeia apelava para a cidade a fim de resolver seus problemas, o que incomodava as pessoas na cidade, que julgavam os aldeões como incapazes de resolverem seus próprios conflitos⁶¹.

Os habitantes tinham a religião como base da sociedade. Herdeiros do puritanismo inglês, movimento que teve sua origem na Inglaterra que tinha por base o resgate dos princípios do calvinismo no reinado de Elizabeth, que apesar da resistência da rainha, a formação religiosa se expandiu. O programa puritano foi anunciado em 1570 por Thomas Cartwright(1535-1603) e após dois anos encontrava-se incluso em um manifesto denominado “Na Admonition to the Parliament” [Uma admoestação ao Parlamento]⁶². As diretrizes do programa condenavam toda a liturgia e o ordenamento da nova Igreja estatal Anglicana e reclamavam por reformas mais severas⁶³. Como se sabe, a ascensão de Elizabeth ao trono inglês após a morte de Maria I produziu a triunfo do protestantismo após vencer a resistência de alguns bispos. Alguns adeptos ingleses do protestantismo de Genebra ou mesmo de Zurique reclamavam por uma Igreja mais pura e sem os resquícios da religião católica ainda presentes na Igreja Anglicana. Os puritanos obtiveram em parte, ainda que intermitente, o apoio da Câmara dos Comuns⁶⁴. O primeiro

⁵⁹ SCHIFF, Stacy. *As bruxas: intriga traição e histeria em Salem*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2019, pg 429.

⁶⁰ BOYER, Paul. *Salem Possessed*. Massachusetts, Harvard University Press, 1974 (pg 906.)

⁶¹ RUSSEL, B. Jeffrey. *Historia da bruxaria: feiticeiras, hereges e pagas*. New Delhi, Goya Publishing, 2019, p. 223.

⁶² DAWSON, Christopher. *A Divisão da Cristandade*. Da Reforma Protestante à Era do Iluminismo. [Tradução de Márcia Xavier de Brito]. São Paulo: É Realizações Editora, 2014, p. 196.

⁶³ *Idem, ibidem*.

⁶⁴ *Idem*, p. 196.

presbitério foi instituído pelo grupo em 1572 em Wansworth, e logo seguida de uma crescente pressão para a inclusão dos fundamentos presbiterianos na Igreja da Inglaterra⁶⁵. A defesa que faziam da igreja descentralizada, onde cada congregação local deveria escolher o seu próprio ministro, encontrou forte resistência da autoridade real. Mesmo com o apelo ao apoio da Câmara dos Comuns, os puritanos encontraram uma forte resistência da rainha, que discordava da intromissão do Parlamento nos assuntos da Igreja Anglicana⁶⁶. Medidas severas foram tomadas em defesa da supremacia real. A execução dos puritanos John Coppin(†1583) e Elias Thacker(†1583) levou a migração de um considerável número de refugiados⁶⁷. O período de agitação religiosa continuará nos últimos anos do reinado da rainha Elizabeth I e continuará nos primeiros anos de James I(1566-1625). Muitos se exilaram na Holanda e foram para o novo mundo.

Os refugiados levaram para a colônia americana os valores e as visões de mundo, bem como os medos de seus ancestrais. O caso a ser analisado é disso um exemplo. Tinham em seu cotidiano a Bíblia como Lei, acreditavam na doutrina da predestinação e na providência divina. Quando passaram a ser fortemente perseguidos na Inglaterra, os colonos migraram em massa para o Novo Mundo, com a esperança de encontrarem um ambiente mais tolerante para suas ideias. No ano de 1620 aconteceu uma grande migração para o Estado de Massachusetts, exatamente 70 anos antes da caça às bruxas acontecer, tornando o estado um lugar de grande influência puritana. Na próxima década, mais de 20 mil imigrantes chegaram nas novas Colônias.

Existe uma visão extremamente difundida dos puritanos até os dias atuais, como um grupo todo vestido de preto, extremamente preocupado com a moral. Uma frase do jornalista ateu HL Mencken sumariza bem essa ideia: “Puritanos são um grupo de pessoas preocupadas que, em algum outro lugar, algum outro grupo de pessoas esteja se divertindo.” (HL Mencken, 1949.) Essa ideia foi muito difundida por filmes como *A Letra Escarlata*, criando uma imagem estereotipada da religião dentro do imaginário da população.

Os puritanos que chegaram às 13 colônias estavam buscando por uma nova terra, com maior liberdade religiosa, onde poderiam exercer sua religião de forma livre⁶⁸. Porém, ao mesmo tempo que buscavam essa liberdade, ainda assim perpetuavam pensamentos

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ Idem, p. 197.

⁶⁷ Idem, p.198.

⁶⁸ SCHIFF, Stacy. *As bruxas: intriga traição e histeria em Salem*. Rio de Janeiro, Editora Zahar. 2019, pg 198.

preconceituosos com aqueles não praticantes de sua religião. O autor Frances Hill, em sua obra “*A delusion of Satan: the full story of the Salem Witch Trials*” afirma que:

“Os puritanos trouxeram suas fobias e frustrações com eles. Eles também trouxeram da Europa uma concepção de religião inadequada. Ao invés de ver compaixão como a principal virtude religiosa, os puritanos da Nova Inglaterra cultivaram um forte senso de justiça que era rápido para julgar e condenar. Ao invés de ver Deus como Todo-Poderoso e misericordioso, os puritanos viam Satanás em todo o lugar”.⁶⁹

Alguns historiadores contemporâneos defendem a ideia de que os puritanos que habitavam as 13 colônias eram menos sérios que a norma, como afirma Francis Hill: “Alguns historiadores recentes alegam que os puritanos norte americanos não eram carrancudos ‘matadores de alegrias’ da tradição popular, mas saboreavam prazeres como comida, bebida e sexo conjugal.”⁷⁰

Além disso, se vestiam fora do padrão preto dos puritanos, utilizando tecidos coloridos em tons terrosos e também tocavam instrumentos simples⁷¹. Porém, suas concepções religiosas ainda eram muito fortes, e havia um grande senso de medo de viver uma vida pecaminosa. Todos aqueles que viviam fora do caminho de Deus eram punidos e as crianças eram encorajados à devoção desde cedo.

Praticamente todos os moradores de Salem eram puritanos, muitos eram ingleses que migraram para a Nova Inglaterra em busca de um território mais tolerante. Salem foi de extrema importância para os puritanos nos Estados Unidos, sendo inclusive, o local onde a primeira igreja puritana do país foi construída⁷².

A cidade era abrigada por florestas e rios, e a maioria da população vivia de atividades comuns, como cortar madeira. Como quase toda população era puritana, os habitantes acreditavam nas mesmas coisas, inclusive, tinham preconceito com os nativo-americanos, acreditando que estes eram servidores do Diabo, ou até mesmo o próprio Diabo, como descreveu o autor Frances Hill. Na época, as tribos Wabanaki ainda viviam na floresta e se divididos em distintas tribos. Com a chegada dos europeus, os nativos foram forçados a entrarem cada vez mais fundo na floresta, vivendo em lugares isolados⁷³. Os habitantes de Salem viviam em um constante estado de medo de ataques dos nativos Wabanaki. O historiador Charles Upham descreve esse medo em sua obra, “*Salem Witchcraft*.”

“As florestas que cercavam nossos ancestrais eram o lar de uma misteriosa raça de homens, de temperamento estranho e origem incerta. Os aspectos que eles apresentavam, as histórias que eram contadas

⁶⁹ HILL, Frances. *A delusion of Satan: The Full story of the Salem Witch Trials*. Boston, Capo Press.1995, pg25.

⁷⁰ *Idem*

⁷¹ *Idem*, p. 242.

⁷² The New Encyclopedia Britannica, Chicago, 1986.

⁷³ fourdirectionsmaine.org

sobre eles e todas as coisas conectadas com eles serviam para despertar medo e agravar as tendências das condições gerais de um fanatismo entusiasmado. Era a crença comum, não apenas pelo clero, mas também pela maioria dos estudiosos que os Índigenas Americanos eram objetos e adoradores do Diabo.”⁷⁴

Sendo assim, havia uma grande hostilidade entre aqueles que moravam na Nova Inglaterra e os nativos da terra. Conflitos violentos eram comuns, vindos de ambos os lados. A história norte americana sempre tratou os nativos com muita repressão e violência, e isso não era diferente na aldeia de Salem. O ódio vinha de ambos os lados, afinal, os nativos também sofreram perdas vindas dos colonos. A autora Frances Hill descreve em sua obra “A desolution of Satan” o passado árduo que os nativos tiveram que enfrentar:

“Eles haviam respondido a crueldade, traição e injustiça do homem branco com uma fúria sem piedade. Quando os ingleses chegaram, os nativos haviam os repecionado e os ajudado. Mas os ingleses tomaram suas terras, quebraram tratados, mataram e os escravizaram. Eles também os infectaram com varíola e outras doenças que os nativos não tinham imunidade, cortando seus números em três quartos em menos de cinquenta anos”.⁷⁵

No ano de 1692, mesmo ano em que aconteceu a caça às bruxas de Salem, registraram-se indícios de que os índios estariam planejando uma ofensiva⁷⁶. O medo permeava a cidade de Salem, pois acreditava-se que os índios eram enviados do Diabo. Cotton Mather, um pastor local, pregava a ideia de que o Diabo acreditava que as terras da Nova Inglaterra eram dele, e havia enviado os índios para ajudar a tomá-la de volta. Com uma vida inteira centrada na religião, todos os problemas que o vilarejo tinha pareciam ser obra do Diabo. Isso explica a rápida conclusão de que havia um grupo de bruxas servindo ao Diabo, quando algumas garotas começaram a aparecer com estranhos sintomas. Não havia outra explicação que não fosse obra do maligno, tudo de negativo que existia ali parecia vir dele.

A vida da cidade era centrada em torno da religião. Na taverna da cidade, todos os livros disponíveis eram religiosos⁷⁷. Diante de uma semana inteira trabalhando, o único momento de relaxamento era no domingo, dia reservado para a contemplação de Deus. Os moradores passavam até três horas dentro da igreja no domingo, e qualquer atividade não religiosa

⁷⁴ UPHAM, Charles. *Salem witchcraft*. New York, Dover Publications, 2010, pg 802

⁷⁵ HILL, Frances. *A desolution of Satan: The full Story of the Salem Witch Trials*. Boston, Capó Press, 1995, pg 88.

⁷⁶ *Idem*

⁷⁷ HILL, Frances. *A desolution of Satan: The full Story of the Salem Witch Trials*. Boston, Capó Press. 1995, pg 30.

observada neste dia era vista como pecaminosa, e quem quer que fosse que estivesse praticando tais atividades poderia ser castigado. Há relatos de um homem que não compareceu ao culto de domingo por ter caído dentro de um rio e se resfriado, e tomou como castigo o açoitamento⁷⁸. Isso mostra como a religião deveria ser a parte mais importante da vida de todo habitante de Salem, deixando pouco espaço para pensar em outras coisas. Os habitantes da cidade viviam em um constante estado de medo, fosse por invasão de nativos americanos ou por algum mal que espreitasse a cidade. Quando toda a histeria da caça às bruxas iniciou, o medo se espalhou rapidamente pois a cidade inteira já parecia viver num constante estado de ansiedade, como se o mal já estivesse espreitando nas sombras há tempos.

As crianças tinham o costume de ajudar nas tarefas domésticas desde cedo, fazendo trabalhos como costura, arrumação da casa e auxílio na cozinha⁷⁹. Na época dos julgamentos de Salem não existia uma escola para meninas dentro da cidade, por isso acredita-se que a maioria das meninas da cidade não sabia ler⁸⁰. Também não havia o costume de brincar com outras crianças, pois isso poderia ser visto de forma negativa, algo que estaria distraindo as crianças de seus afazeres e do caminho de Deus. Dessa forma, a vida para as crianças de Salem podia ser considerada bastante tediosa, principalmente no inverno, quando se tornava frio demais para sair de casa e percorrer grandes distâncias. O autor Frances Hill descreve um pouco o que era esperado das crianças em Salem:

“As pessoas da Nova Inglaterra esperavam tanto das crianças quanto dos adultos. Depois da breve infância havia pouca brincadeiras ou diversão. Haviam poucas bonecas ou brinquedos (...) A infância terminava cedo. Aos sete anos ou mais cedo, era esperado que as crianças dividissem o trabalho em tarefas domésticas (...) Conforme as meninas cresciam, não havia entretenimento ou hobbies, ou até mesmo reuniões de pessoas jovens no centro da cidade.⁸¹”

Enquanto os homens de Salem contavam com atividades como pesca, caça e serviço, as mulheres já tinham uma vida mais monótona, ocupadas com as tarefas de casa. Não havia teatro,

⁷⁸ *Idem*, p 31.

⁷⁹ *Idem*, p..28.

⁸⁰ *Idem*, p. 30.

⁸¹ HILL, Frances. A desolution of Satan... Op.cit, p. 267.

livros, ou outros meios para que as mulheres pudessem se expressar, e talvez, essa vida tediosa tenha contribuído para todo o caos que aconteceu na cidade.

2.1 Caça às bruxas: o caso de Salem

Foi no ano de 1692 que tudo começou. No final de sua caça às bruxas, a cidade de Salem executou 14 mulheres, 5 homens e 2 cachorros⁸². A população na época era em torno de 550 pessoas. A histeria se iniciou em janeiro, o primeiro julgamento aconteceu em junho e o último em setembro.

Tudo começou com uma simples brincadeira de criança, uma espécie de “simpatia” para descobrir sobre futuros maridos. As jovens meninas de Salem só tinham uma certeza em mente: um dia, iriam se casar. Esse era o destino de todas as meninas na época, e não havia mais nada além de se tornar mãe e esposa. Por isso, em delírios românticos, as meninas passavam seu tempo pensando em como seriam os maridos. Bonitos, feios, ricos, pobres. Num ato de pura curiosidade, como forma de brincadeira, resolveram fazer uma espécie de simpatia, um jogo para ver como seriam seus futuros maridos. Foi na casa de um dos homens mais importantes de Salem que tudo começou.

Abigail Williams e Elizabeth Parris, filha do reverendo da cidade, Samuel Parris, de 39 anos, estavam sozinhas em casa, brincando. Parris havia chegado em Salem três anos antes Abigail morava na casa dos Parris e provavelmente era órfã, já que não existem registros de seus pais⁸³. A brincadeira realizada pelas meninas era chamada de "Vênus Glass" e consistia em encher um copo com água e jogar dentro dele uma clara de ovo. A clara de ovo revelaria uma forma dentro do copo, mostrando um sinal de como seriam seus futuros. Porém, a clara do ovo não mostrou o que as meninas queriam ver. Completamente aterrorizadas, as duas meninas perceberam que a forma que a clara de ovo mostrou era um caixão.⁸⁴

Foi em janeiro de 1662 que os sintomas começaram a aparecer, não muito tempo depois da brincadeira de ver o futuro. Todos que viram os sintomas das meninas pareciam completamente horrorizados. Elas apresentavam espasmos, gritavam de dor, falando coisas sem sentido algum. Em fevereiro, acontece a menção de algum mal sobrenatural. A única explicação lógica que o médico da cidade, William Griggs lhes ofereceu foi a de possessão demoníaca,

⁸² SCHIFF, Stacy. *As bruxas: intriga traição e histeria em Salem*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2019, pg 172..

⁸³ HILL, Frances. *A desolution of Satan..* op.cit, p. 58.

⁸⁴ Idem, p. 43.

dizendo que as meninas haviam sido vítimas de bruxaria e que estavam “sob uma mão maldosa⁸⁵.”

Apesar de todo o esforço do Reverendo Parris para manter a história em silêncio, rapidamente a história se espalhou, assustando os moradores. Uma mulher, contudo, tinha uma ideia de como ajudar as garotas. Mary Sibley, vizinha dos Parris, sabia de uma espécie de ritual que havia sido trazido da Inglaterra, uma forma de “magia branca” que poderia apontar quem teria feito aquilo com as meninas. Sabendo que o Reverendo não se agradaria deste tipo de prática, ela pediu a ajuda de dois personagens enigmáticos da história de Salem: John Indian e sua mulher, Tituba. Mais tarde, quando descobriu sobre a ideia, Reverendo Paris mostrou seu desgosto. De acordo com ele, a maneira que Mary havia encontrado para resolver o problema era “recorrer ao diabo para exorcizar o diabo⁸⁶.” A ideia de Sibley foi tão mal vista que acreditou-se ter sido uma das causas para o agravamento da possessão, algo verdadeiramente diabólico.

O casal John e Tituba eram definitivamente párias na cidade de Salem. John era nativo americano e sua mulher havia nascido na ilha de Barbados. Eram empregados da família Parris, e foi provavelmente Tituba que sugeriu a brincadeira do copo e do ovo para as meninas, pois era ela quem passava a maior parte do tempo cuidando das garotas. A mãe das meninas, Elizabeth, tinha a saúde fraca, o que inclusive explica o fato de ter poucos filhos para o padrão da época. O casal Parris tinha apenas um garoto de dez anos e uma menina de cinco, além de cuidar da pequena órfã Abigail. Não se sabe ao certo que tipo de doença que afligia a mãe das garotas, porém é quase certo que era algo que atrapalhava o processo de fertilidade.

Apesar de ser de origem caribenha e já sofrer algum tipo de preconceito por isso, Tituba tinha uma boa reputação na cidade, pois nunca estava envolvida em confusões. Ela havia chegado em Salem juntamente com Samuel Paris, por volta de 1680, comprovando que já participava da vida familiar há mais de dez anos⁸⁷. De sua parte, possuía boa relação com as meninas acusadas de possessão, chegando até mesmo a dizer que amava as duas. Não se sabe se esse sentimento era recíproco, mas havia uma relação diária entre as partes, já que Tituba era a pessoa encarregada de cuidar das meninas.

A ideia da vizinha Mary Sibley era fazer um “bolo de bruxa”, uma estranha mistura da urina das meninas afligidas com um pouco de farinha. Quando o bolo ficasse pronto, seria

⁸⁵ *Idem*, p. 60.

⁸⁶ *Idem*, p. 63.

⁸⁷ HILL, Frances. *A desolution of Satan: The full Story of the Salem Witch Trials*. Boston, Capo Press, 1995. Pg 64.

servido ao cachorro da família, que então apontaria quem teria sido a bruxa que amaldiçoou as meninas. Para a tristeza de Sibley, aquilo não adiantou de nada, a não ser para começar um rumor de que havia uma bruxa solta pela cidade de Salem. A histeria foi contagiosa, e logo o caos se instaurou na pequena cidade.

As meninas pareciam piorar a cada dia, e os sintomas pareciam cada vez mais demoníacos. Apenas a menção de Cristo já era suficiente para aterrorizar as garotas, que por vezes ficavam cegas, surdas ou mudas, além de se portarem de forma agressiva com visitantes e pastores. Elas diziam sentir beliscões, mordidas e até mesmo como se algo as estivesse enforcando. A situação era desagradável, mas existe a possibilidade de que as meninas estivessem sentindo pela primeira vez um senso de valorizações, de estarem recebendo algum tipo especial de atenção pela primeira vez. Como descreve o autor Frances Hill, em “A desolution of Satan”, talvez “inconscientemente, as meninas desejaram continuar.”⁸⁸

Samuel Paris estava vivendo seu pior pesadelo, afinal, ele era o homem encarregado de levar a palavra de Deus para a cidade, e suas próprias filhas estavam sendo possuídas por um mal. Sua reputação estava em risco, sua própria religiosidade. Já seria negativo o suficiente ter sua casa e familiares afligidos pelo mal, tudo aquilo parecia piorar quando se levava em conta que ele era o pastor de Salem. Parris já possuía inimigos em Salem, por conta de conflitos internos que aconteceram na cidade nos anos anteriores. Enquanto sua família passava por um pesadelo, ele pensava em maneiras de manter sua influência e poder dentro da cidade, pois acima de tudo não poderia perder o respeito de seus companheiros, que facilmente julgariam suas filhas. Foi durante uma reunião com homens importantes de Salem que o médico William Griggs lhe disse que suas meninas estavam sob uma mão demoníaca. Todos aconselharam Parris a orar e esperar para Deus tomar providências, mas ao mesmo tempo, não poderiam ignorar a suspeita de Tituba. Parris disse que as meninas haviam lhe confidenciado ter visto a escrava em visões, e acreditavam que ela era a pessoa por trás de todos os beliscões invisíveis. Tituba negou a acusação de ser bruxa, mas admitiu algo grave: Ela havia feito o bolo de bruxa e já havia tido contato com bruxaria, pois sua antiga patroa, ainda em Barbados, era uma bruxa, e havia lhe ensinado algumas coisas para descobrir a presença de bruxas⁸⁹. Essa afirmação lhe custou caro. Nas seguintes semanas, seu patrão, Samuel Parris, usou de meios abusivos, como espancamentos, para que ela confessasse e admitisse que era uma bruxa. Essa prática se tornaria comum dentro do tribunal inquisitorial de Salem. A tortura muitas vezes nem precisava ser

⁸⁸ *Idem*, p. 66.

⁸⁹ HILL, Frances. *A desolution of Satan*.op.cit, p. 68.

física; apenas a prisão da cidade já era tortura o suficiente. Manter mulheres acusadas ali, muitas vezes mães, separadas de seus bebês, já era um método de tortura forte o suficiente para fazer qualquer acusação ser admitida. Os métodos utilizados pelos inquisidores de Salem eram cruéis, e iam desde agressão física a humilhação, quando despiam todas as mulheres em busca de marcas de bruxa, um constrangimento que além de tudo, ainda tocava no íntimo da figura feminina, a deixando despida para ser inspecionada por diversas pessoas, algumas vezes mais de uma vez por dia.

Tudo piorou quando surgiu uma terceira vítima: Ann Putman Jr de doze anos, que estava sofrendo os mesmos sintomas de Abigail e Elizabeth. Ann era filha de um fazendeiro poderoso chamado Thomas Putman, que mantinha relações próximas com o Samuel Parris, pai das primeiras meninas a apresentarem os sintomas. A história parecia piorar ainda mais, pois agora os sintomas estavam mais agravados e as meninas diziam que estavam sendo “beliscadas” por espíritos. Logo, outra personagem essencial na história de Salem passou a sofrer com os sintomas, a sobrinha do médico da cidade, Elizabeth Hubbard. Na época, ela tinha 17 anos e era uma órfã que vivia com sua tia e tio, Rachel e William Griggs. Assim que começaram seus sintomas, sonhos perturbadores onde ela via estranhos espectros e era beliscada e cutucada com agulhas, enquanto os espíritos gritavam coisas horríveis, Elizabeth percebeu que conhecia os rostos que lhe apareciam naquelas ocasiões. Eram os rostos de pessoas de Salem, pessoas que ela conhecia. Mais uma vez, as meninas trazem o nome de Tituba, como a verdadeira responsável pelos acontecimentos. A empregada ainda negava todas as acusações.

Quando Elizabeth contou para seu tio que via o rosto de pessoas conhecidas, a tensão pareceu crescer ainda mais. Por Elizabeth já ter 17 anos, sua história parece ter sido levada mais a sério que a das outras meninas, e a cidade inteira passou a acreditar que bruxas estavam habitando Salem. Era a hora de apontar os suspeitos.

Se a busca por suspeitos aconteceu só para apontar culpados e tranquilizar a população ou se tudo foi um plano elaborado de vingança, ninguém sabe. O que as pessoas de Salem precisavam naquele momento era de um culpado, de alguém para ser preso e pagar pelo o que estava acontecendo com aquelas meninas. As mulheres apontadas como responsáveis pelos atos foram, como se verá, aquelas que sempre foram apontadas ao longo da história: Mulheres pobres, velhas, e que viviam sozinhas ou à margem da sociedade. Esse estereótipo da “mulher bruxa” atravessou a história, sempre associado a uma idosa solitária.

A autora Frances Hill tenta buscar uma explicação lógica para o motivo de a maioria das acusadas de bruxaria serem mulheres. Ele escreveu : “A explicação não pode ser

simplesmente pelo medo e ódio das mulheres promovido por homens. Mulheres, como esposas, mães e fofoqueiras, estavam mais centralmente envolvidas no vilarejo do que homens⁹⁰.”

A primeira pessoa a apontar um suspeito foi Elizabeth Parris, a menina de nove anos que havia sido a primeira a apresentar sintomas. Talvez a pressão social exercida sobre a menina tenha sido alta, com adultos lhe dizendo para apontar logo a bruxa que havia lhe amaldiçoado; ou talvez Elizabeth nem mesmo soubesse da gravidade que sua acusação teria, mas o fato é que ela apontou para a pessoa que havia lhe falado sobre o jogo do copo: Tituba.

Não havia pessoa mais óbvia para ser acusada do que Tituba, a mulher que trouxe de sua terra natal todos os seus conhecimentos e crenças, e que não fazia parte da comunidade da Igreja local. Ela era diferente de todos os outros, por isso parecia tão certo que ela era a culpada pelo caso de bruxaria. Além de tudo, era uma escrava. Em uma época onde a população negra era vista com olhares preconceituosos, a acusação foi rapidamente tida como uma verdade absoluta, sem maior necessidade de provas concretas.

Elizabeth Hubbard rapidamente concordou e disse que sim, Tituba era a mulher que estavam procurando. Mais uma vez, por ter quase 18 anos, seu testemunho foi levado muito a sério, e as pessoas de Salem acreditaram nela sem precisar de grandes evidências.

Logo surgiu outro nome importante: Sarah Good, a mendiga da cidade. A reputação de Sarah já não era boa, pois ela vivia de pequenas doações e ajuda local. Os pobres em Salem não eram bem vistos, as pessoas preferiam apenas que fossem embora da cidade ao invés de oferecer ajuda. Sarah nem sempre viveu na pobreza, pois seu pai havia sido um homem bem sucedido, mas havia morrido afogado muitos anos antes do julgamento, quando Sarah ainda era uma jovem mulher. Sem direito a nenhuma herança, pois foi enganada por seu novo padrasto, tudo que restou para Sarah foi uma vida de pedinte nas ruas, implorando por comida⁹¹. Todavia, as pessoas da cidade alegavam que Sarah tinha um “temperamento difícil” e muitas vezes apenas ofereciam ajuda pois tinham medo de que ela fizesse algo ruim se recusassem ajudar. Além disso, Sarah tinha inimigos importantes, como o tio de Thomas Putman, John Putman.

A família Putman era uma das mais importantes e prósperas da cidade, e Sarah Good não foi a única mulher acusada de bruxaria que já mantinha uma inimizade com a família, o que também foi o caso de Sarah Osborne. O primeiro marido de Sarah Osborne, Robert Prince era amigo de John Putman Senior, e quando Robert morreu, Putman era um dos encarregados

⁹⁰ HILL, Frances. *A desolution ...op.cit*, pg 76.

⁹¹ SCHIFF, Stacy. *As bruxas: intriga traição e histeria em Salem*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2019, p.629.

de seu testamento. Putman havia se casado com a irmã de Robert, Rebecca, e Sarah Osborne havia complicado um pouco a vida do casal quando interferiu na execução do testamento.⁹²

Existe uma crença de que a caça às bruxas que ocorreu em Salem foi um plano orquestrado por Samuel Parris e a família Putman, que haviam escolhido Sarah Good e Tituba como culpadas de bruxaria, para começar uma verdadeira “limpa” na cidade, destruindo suas inimigas pouco a pouco. Essa crença pode fazer sentido quando se imagina que os dois homens prezavam por poder e controle, e queriam instaurar um estado de medo na população⁹³. “Os inimigos pessoais transformaram-se em inimigos da comunidade, e os inimigos da sociedade em servos de Sata.”⁹⁴ O historiador Charles Upham acredita que Parris e Putman já haviam conversado com Tituba antes de seu testemunho, e lhe disseram exatamente o que dizer. Para Upham, os pais das meninas instruíram Tituba a alegar que quatro pessoas trabalhavam em conjunto com o demônio, e que duas dessas pessoas seriam Sarah Good e Sarah Osborne. Isso serviria como uma maneira de preparar a cidade para os próximos julgamentos por bruxaria que aconteceriam. Eles teriam escolhido Good e Osborne como bons exemplos de bruxas pois seria fácil de fazer a cidade acreditar nisso. O autor Paul Boyer, em sua obra “Salem Possessed” escreveu:

“As primeiras três mulheres a serem acusadas poderiam ser vistas como fora da norma em sua comunidade – o tipo de pessoa que antropologistas sugeriram que são mais suscetíveis a esse tipo de acusações. Tituba, era uma escrava de origem indígena, Sarah Good era uma pedinte que andava pelo vilarejo pedindo agressivamente por comida e abrigo, Osborne, apesar de ser um pouco melhor, era uma velha doente”⁹⁵

O primeiro depoimento de Ann Putman Jr. aconteceu no dia 25 de fevereiro de 1692, quando a menina mencionou: “Foi a aparição de Tituba, a senhora indígena do Sr. Parris, que me torturou, me beliscando de maneira forte.”⁹⁶

O exame de Tituba aconteceu no dia primeiro de março de 1692. O examinador registrou que as perguntas feitas pela corte foram fraseadas de maneira a fazer a acusada admitir a culpa. Nota-se que nenhuma tentativa de defesa foi feita, pois não proveram nenhum conselheiro legal. John Hathorne, um homem de família importante na cidade, bem sucedido e respeitado, foi quem conduziu o interrogatório. Apesar de ter poder e relevância na cidade, ele não tinha treinamento legal, e ainda assim, era um dos agentes da lei mais experientes de Salem. Na

⁹² HILL, Frances. *A desolution of Satan*: op.cit, p. 84.

⁹³ Idem, p. 85.

⁹⁴ B. RUSSEL, Jeffrey. *Historia da bruxaria: feiticeiras, hereges e pagas*. New Delhi, Goya Publishing, 2019, p. 225.

⁹⁵ BOYER, Paul. *Salem Possessed*. Massachusetts, Harvard University Press, 1974, p 27

⁹⁶ GOOS, David. *Documents of The Salem Witch Trials*. Califórnia, ABC- Clio, 2018.

transcrição a seguir de uma parte do interrogatório, nota-se que formulou perguntas que levaram a acusada a se comprometer:

Interrogador: Tituba, com qual espírito do mal você tem familiaridade?

Tituba: Nenhum.

Interrogador: Porque você machuca essas crianças?

Tituba: Eu não as machuco.

Interrogador: Quem as machuca, então?

Tituba: O Diabo, até onde eu sei.

Interrogador: Você nunca viu o diabo?

Tituba: O Diabo veio até mim e me pediu para servi-lo.

Interrogador: Quem você viu?

Tituba: Quatro mulheres as vezes machucam as crianças.

Interrogador: Quem são elas?

Tituba: Goody Osborne (se referindo a Sarah Osborne) e Sarah Good, eu não sei quem são as outras. Elas pediram para que eu machucasse as crianças⁹⁷.

(Fonte: GOOS, David. Documents of The Salem Witch Trials. Califórnia, ABC-Clio, 2018.)

Em seguida, Tituba afirmou ter visto um homem, que teria pedido para que ela machucasse as crianças, e que ela não contou para seu patrão, à Samuel Parris, com medo que ele lhe cortasse a cabeça. A própria Tituba já assimilara a versão da prática da bruxaria na localidade talvez mesmo para se livrar das acusações. Certo é que ao acusar outras mulheres, ela também se comprometeu.

O depoimento de Tituba, que confirmava a existência de bruxas em Salem, alegando que uma delas era Sarah Good, serviu como mais uma chama para acender a histeria na cidade. No mesmo dia, primeiro de março, Samuel Parris depôs contra Tituba, e mostrou mais evidências de que ela estaria envolvida com bruxaria, razão pela qual se recusou a pagar sua fiança e a trazer de volta para sua casa.

Quando Sarah Good apareceu para o julgamento, já depois de ter sido presa, foram realizadas as exatas mesmas perguntas feitas a Tituba. Sarah Good negou ter familiaridade com qualquer espírito do mal e também negou ter machucado as crianças. Ela alegou ter sido falsamente acusada. Até mesmo durante o julgamento as meninas afligidas mostravam-se perturbadas, deixando os adultos ainda mais preocupados. Era difícil não acreditar nas suas palavras, que manifestavam estar com medo.

O marido de Sarah Good também foi arguido e disse ter “medo de que ela fosse uma bruxa, ou de que ela pudesse se transformar em uma rapidamente⁹⁸.” Porém, mais tarde, quando fizeram mais perguntas, admitiu que nunca viu a esposa praticar bruxaria. Todos na cidade

⁹⁷ *Idem*

⁹⁸ SCHIFF, Stacy. *As bruxas: intriga traição e histeria em Salem*. Rio de Janeiro, Editora Zahar. 2019, pg 687..

sabiam que ela muitas vezes levava uma vida mais independente e longe de seu marido, William Good. Ela foi apresentada como uma mulher ressentida e sem amigos. Apesar de Sarah Good continuar alegando que não fez nenhum mal às crianças, disse que havia sido Sarah Osborne a responsável por atormentar as meninas. Em sua interrogação, disse acreditar “no Deus que fez o céu e a Terra.⁹⁹”

O terceiro julgamento foi de Sarah Osborne. No momento em que foi acusada, Osborne tinha cerca de 49 anos e estava mal de saúde e por este motivo, não estava frequentando a igreja¹⁰⁰. As meninas, dessa vez, ficaram mais distante da acusada, pois havia um temor de que elas poderiam ser molestadas caso ficassem muito perto da suposta bruxa. As perguntas feitas a Osborne foram basicamente as mesmas feitas às suspeitas anteriores, mas dessa vez, o juiz Hathorne perguntou que familiaridade Sarah Osborne teria com Sarah Good. De início, Sarah Osborne tentou se distanciar ao negar proximidade com Sarah Good¹⁰¹. Disse que havia dois anos que não a via, e que a última vez que cruzou com Sarah Good foi ao dirigir-se para a cidade mas que não havia se comunicado com ela. Nesse momento, o juiz Hathorn pediu para que as crianças levantassem e a olhassem. As crianças, mais uma vez, afirmaram que Osborne era uma das mulheres responsáveis pelos malefícios e que constantemente a viam.

Continuando com as interrogações, Tituba foi submetida a um segundo inquérito. Seguindo a mesma linha de seu primeiro testemunho, o júri considerou que ela estava dizendo a verdade, e que havia de fato uma “conspiração satânica envolvendo muitas pessoas locais, incluindo Tituba.” Depois de muita pressão do juiz, Tituba admitiu ter encontrado com um homem, que seria uma aparição do Diabo, e que disse a ela que ela deveria servi-lo¹⁰². Tituba disse que negou servir ao homem, mas depois de ver mais desconhecidos, que também lhe ordenaram machucar as crianças, ameaçando-a machucar se ela não o fizesse, Tituba admitiu que machucou as crianças, mas que não o faria de novo. Ela também declarou que o homem ameaçou acabar com a sua vida e a das crianças se ela não o servisse. Além disso, ela alegou ter visto uma série de animais, como um pássaro amarelo, dois gatos e um cachorro. Quando perguntada como se locomovia, ela disse que “andou num pedaço de pau e Good e Osborne andaram atrás de mim. Andamos segurando uma a outra.” Logo depois disse que ambas as mulheres lhe disseram para matar Ann Putman¹⁰³. O testemunho deixou as crianças perturbadas

⁹⁹ HILL, Frances. *A desolution of Satan: The full Story of the Salem Witch Trials*. Boston, Capo Press, 1995, pg 102.

¹⁰⁰ *Idem*, p. 95.

¹⁰¹ SCHIFF, Stacy. *As bruxas: intriga traição...* *op.cit*, p. 682.

¹⁰² HILL, Frances. *A desolution of Satan...* *op.cit*, p. 109.

¹⁰³ SCHIFF, Stacy. *As bruxas: intriga traição...* *op.cit*, pg.730.

e históricas mais uma vez. Dessa vez, Elizabeth Hubbard teve um ataque grave, e o juiz perguntou a Tituba quem estava causando aquilo. Ela respondeu que não sabia e ela mesma começou a ter um ataque. Talvez Tituba pensou que se fingisse um ataque, seria absolvida das acusações, porém o ato não comoveu o juiz, que decretou que as três mulheres deveriam ser mandadas para a cadeia.

Depois da confissão de Tituba e da prisão das três mulheres, a cidade entrou em um estado de alarme. A cada dia pareciam aparecer mais “espectros” das bruxas pela cidade, como uma figura fantasmagórica¹⁰⁴. Esses espectros teriam o poder de machucar pessoas e poderiam até mesmo se transportar facilmente de um lugar para outro. Com um vilarejo aterrorizado e meninas possuídas por algo que parecia não ir embora, pois mesmo com as prisões, os ataques não acabavam, se iniciou a histeria de Salem, que levaria mais suspeitos à prisão, embarcando em uma jornada de acusação de inocentes e um rastro de mortes.

Outra prisão importante que aconteceu nos julgamentos de Salem foi a prisão de Dorcas Good, a filha de quatro anos e meio de Sarah Good. Quando trouxeram a criança para julgamento, as meninas afligidas se portavam de maneira perturbadora, e mostraram aos magistrados marcas de mordidas, que seriam supostamente de Dorcas. A criança foi presa, e dois dias depois, confessou a Hathorne que ela tinha uma pequena cobra, que chupava seu dedinho. Ela apontou para uma pequena marca, provavelmente uma mordida de pulga. Os magistrados perguntaram a ela quem havia lhe dado aquela cobra, e ela respondeu que havia sido sua mãe, Sarah Good¹⁰⁵. Dessa forma, no dia 24 de março de 1692, Dorcas foi mandada novamente a prisão de Salem, onde foi mantida por aproximadamente oito meses, sem ver a luz do sol, sem se alimentar direito, com frio, assustada e sozinha. A visão de uma criança de apenas quatro anos numa cela de prisão é totalmente assustadora, mas para o povo de Salem, era apenas uma bruxinha, filha de uma bruxa. O tempo que Dorcas passou na prisão afetou diretamente sua saúde mental. Dezoito anos depois, seu pai, William Good, alegaria que a menina havia se tornado insana, de maneira que ele teve que pagar uma cuidadora para cuidar de Dorcas pelo resto de sua vida.¹⁰⁶

Sarah Osborne morreu no dia 10 de maio de 1692, na prisão, de causas naturais¹⁰⁷. É provável que o ambiente insalubre da prisão de Salem tenha contribuído para sua morte.

¹⁰⁴ *Idem*, p. 740.

¹⁰⁵ HILL, Frances. *A desolution of Satan...*, p. 186.

¹⁰⁶ *Idem*, p. 19

¹⁰⁷ *Idem*, p. 188.

As primeiras mulheres a serem acusadas estavam dentro de um padrão: solitárias, estranhas, velhas. Trevor Roper fez uma observação sobre esse padrão: “Quando um ‘grande medo’ se apossa da sociedade, aquela sociedade naturalmente olha para o estereótipo do inimigo em seu meio, e uma vez que a bruxa se tornou o estereótipo, a bruxaria se tornou a acusação universal.¹⁰⁸”

No caso de Salem, era mais que o estereótipo de bruxaria. Era o estereótipo da mulher bruxa. Sim, homens também foram acusados, mas se compararmos os números de condenados (14 mulheres e 5 homens) podemos observar que o número de mulheres condenadas era 73,7%, enquanto os homens representavam 26,3%. Isso coloca as mulheres em uma escala de acusação três vezes maior que os homens. A diferença é tão grande que se tornou uma estatística até mesmo no imaginário popular; na maioria das histórias de conto de fadas, não vemos um homem bruxo. Quase sempre é retratada a figura da mulher bruxa, aquele estereótipo já bem estabelecido: uma mulher velha e solitária, que vive distante do resto de seu vilarejo. O autor Jeffrey B Russel explica que grandes mudanças demográficas produziram um aumento no número de mulheres que viviam sozinhas. Além disso, o autor Erik Midelfort cita que, com a extinção de conventos realizada pela Reforma, o número de mulheres em mosteiros caiu, até mesmo nas regiões católicas. Colaborando ainda mais com essa estatística de mulheres que viviam sozinhas, os casamentos passaram a ocorrer em idades mais maduras, o que deixou muitas mulheres sozinhas. Com um cálculo aproximado, Erik Midelfort diz que é esperado que 40% das mulheres estariam vivendo sem a proteção social de seus maridos no século XVI. Além disso, as mulheres tiveram uma taxa de sobrevivência muito mais alta durante pestes, em alguns lugares, apresentando taxas de sobrevivência 600% superiores a dos homens¹⁰⁹. Dessa forma, criou-se no imaginário popular que as mulheres utilizavam de meios mágicos para garantir a sobrevivência, principalmente quando se tratavam de mulheres velhas e pouco afluentes. Não poderia haver outra explicação para sua sobrevivência, além da bruxaria. Essas mulheres que viviam sozinhas estariam em uma situação mais vulnerável, pois estariam vivendo isoladas e sem o auxílio de maridos. Soma-se a isso uma feição rabujenta e infeliz e temos o estereótipo perfeito das bruxas.

¹⁰⁸ TREVOR ROPER, H.R. *The European Witch Craze of the Sixteenth and Seventeenth Centuries and Other Essays*. New York, HarpersCollins, 1969, p. 190.

¹⁰⁹ RUSSEL, Jeffrey B. *Historia da bruxaria: feiticeiras, hereges e pagãs*. New Delhi, Goya Publishing .2019, p. 213.

Em Salem esse esteriótipo já se mostra logo no início dos julgamentos, com a acusação da mendiga Sarah Good, e mais tarde, aparece novamente com a acusação de Bridget Bishop. O autor Jeffrey B Russel sumariza bem a forma negativa como essas mulheres eram vistas:

“Numa sociedade que levava a magia a sério, pragas e feitiços formavam outra categoria óbvia de reação. Uma vez associado esse gênero de crime a mulher solitária, ninguém ficaria livre de suspeita nessa condição. Um semblante zangado poderia ser interpretado como um olhar maléfico; uma imprecação furiosa, como uma praga, um resmungo, como uma invocação de poderes diabólicos¹¹⁰.”

A autora Mary Beth Norton também reintera essa ideia do esteriótipo de mulher em bruxa em Salem, em sua obra “*In the devil’s snare: The Salem witchcraft crisis of 1692*.”

“Uma grande proporção dos acusados em Salem eram de fato as mulheres mais velhas briguentas, algumas com reputações duvidosas, que se encaixavam no esteriótipo de bruxa do século 17. A maioria delas era acusada de praticar a bruxaria maléfica – prejudicar a saúde de seus vizinhos, propriedades, filhos ou gado – por um período de anos (...) Muitos dos outros acusados em Salem eram próximos dessas mulheres estereotipadas; maridos, irmãs, filhas, mães e filhos de bruxas também eram vulneráveis a essa acusação.¹¹¹”

Logo, novas pessoas foram julgadas, pessoas comuns e até mesmo membros da Igreja. Acusações vinham à tona a todo o momento, e não importava mais se a pessoa era um respeitado membro da igreja, ou a esposa de um homem próspero. Até mesmo o dono de barcos mais rico de Salem, Phillip English, foi acusado. Já não havia mais distinção entre pobres e ricos, ambos eram igualmente acusados, como foi o caso de Hezekiah Usher, um homem rico de Boston. Até mesmo Lady Phips, a esposa do governador, foi acusada¹¹². Claro, havia uma grande diferença no julgamento entre os ricos e pobres. Os acusados que eram ricos nem mesmo foram levados a julgamento, tampouco foram executados.¹¹³

A autora Stacy Schiff, de “As bruxas” explica um pouco do diferencial dos julgamentos de Salem:

“Houve julgamentos de bruxa antes na Nova Inglaterra, mas não precipitados por uma corte de meninas adolescentes e pré adolescentes enfeitadas. Também como um conto de fadas, Salem é uma história em que as mulheres – mulheres determinadas e mulheres medrosas, subservientes, matronas corretas e adolescentes transviadas – desempenham papel decisivo. Um grupo de meninas muito jovens, privadas de direitos, desencadeou a crise, revelando forcas que ninguém poderia conter e que ainda hoje espantam – que podem ou não ter algo a ver com a razão para se transformar uma historia de mulheres em perigo numa historia de mulheres perigosas.¹¹⁴”

¹¹⁰ *Idem, ibidem*

¹¹¹ NORTHON, Mary Beth. *In the devil’s snare: The Salem witchcraft crisis of 1692*. New York, Vintage Books. 2003, p. 15.

¹¹² BOYER, Paul. *Salem Possessed*. Massachusetts, Harvard University Press, 1974, p. 27

¹¹³ *Idem*

¹¹⁴ SCHIFF, Stacy. *As bruxas: intriga traição e histeria em Salem*. Rio de Janeiro, Editora Zahar. 2019, pg 232.

O caso de Salem é um dos mais famosos casos de bruxaria na história, e é lembrado até os dias de hoje como um referencial quando o assunto é julgamentos de bruxaria. É tratado com certa fascinação e essa fascinação pode ser explicada por tudo que o processo representou e representa até os dias de hoje. O tribunal de bruxaria de Salem trouxe essa ideia de um pânico satânico na América do Norte, algo que não tinha acontecido até o momento, como explica o autor Brian Pavlac, de “*Witch Hunts in the Western World*”

“Antes de 1692, caça às bruxas não eram comuns na Nova Inglaterra. Apenas estimadamente cem casos haviam acontecido nos últimos cinquenta anos, e provavelmente apenas um quarto destes casos levaram a execução. A maioria desses julgamentos envolviam acusar uma bruxa que já era alvo de ressentimento e problemas. A caça ficou fora de controle na Alemanha, França, e até mesmo na Inglaterra, mas fora de Salem, tais pânico simplesmente não aconteceram na América.¹¹⁵”

Desencadeado por um vilarejo de puritanos que levavam sua religião ao extremo e eram rápidos para julgar qualquer tipo de comportamento fora do padrão, os julgamentos de Salem também representam a alavancada da misoginia na sociedade, e seu trabalho em destruir a reputação de mulheres tidas como “excêntricas.” Um vilarejo cercado de puritanismo, ansiedade e um medo generalizado do maligno e do demônio, a história de Salem torna-se única por seus aspectos memoráveis, desde a possessão das filhas do pastor local até o encarceramento de uma criança de quatro anos. O autor Jeffrey B Russel explica as raízes de todo aquele ódio acumulado que instigou os julgamentos:

“Assim, o surto de bruxaria foi a expressão violenta de divisões profundamente arraigadas, as divisões morais geradas pela discordância em torno do governo da igreja, exacerbada por problemas de família e de vizinhança intensamente arraigados. A hostilidade teria se manifestado de um modo ou de outro, mas a existência da tradição da bruxaria fez desta um veículo natural para todos esses rancores.¹¹⁶”

Apesar de o caos ter se alastrado pela cidade, os julgamentos demoraram para acontecer. Na primavera, as prisões já estavam lotadas, pois não havia outro modo de resposta às acusações que não fosse o aprisionamento. No dia 14 de maio de 1692, chega em Massachusetts um novo governador¹¹⁷, que montou uma corte para ouvir os acusados. Ele nomina Stoughton o chefe de justiça, e o primeiro julgamento acontece apenas no dia 2 de junho, sentenciando a primeira pessoa à pena de morte: Bridget Bishop.

¹¹⁵ A. PAVLAC, Brian. *Witch Hunts in the Western World: Persecution and Punishment from the Inquisition through the Salem Witch Trials*. Nebraska, Bison Books. 2010, p. 139.

¹¹⁶ B. RUSSEL, Jeffrey. *Historia da bruxaria... op.cit*, p. 224..

¹¹⁷ HILL, Frances. *A desolution of Satan... op.cit*, p. 411.

3 A CIDADE CONTRA BRIDGET BISHOP

3.1 A primeira condenada

O objeto central desta pesquisa é entender quais os caminhos que levaram Bridget Bishop a ser a primeira vítima condenada pelo tribunal de Salem.

Bridget Playfer (nome de solteira) nasceu entre os anos de 1632 e 1635, na Inglaterra. Seu primeiro casamento foi com Samuel Wesselby, no dia 13 de abril de 1660, em Norwich, na Inglaterra. Ambos se mudaram para a Nova Inglaterra no mesmo ano, em busca de melhores condições e oportunidades na colônia, algo que muitos ingleses faziam na época. O percurso, feito por navio, não era fácil e nem agradável, e não eram poucos aqueles que morriam no caminho, fossem por alguma doença contagiosa que se espalhou na navegação ou pelas condições gerais do navio, que também eram pouco favoráveis. Seu primeiro marido, Samuel, morreu em algum momento do ano de 1661 e não se sabe ao certo o motivo da morte.¹¹⁸

Bridget já tinha passado por uma perda difícil, pois seu primeiro filho morreu ainda bebê, o que era comum na época. Porém, as coisas pareciam ter melhorado quando Bridget chegou a Salem e se casou com o viúvo Thomas Oliver. Bridget teve sua primeira filha, Christian Oliver, nascida no dia 8 de maio de 1667, um ano depois do casamento. Christian foi a primeira filha de Bridget a sobreviver a infância, e Thomas já tinha filhos do casamento com a antiga mulher, dois homens na faixa dos 30 anos e uma filha mais nova, Mary.¹¹⁹

Todavia, o relacionamento de Bridget e Thomas não era fácil. Os dois brigavam muito e Thomas era extremamente agressivo com ela. Em janeiro de 1670, até mesmo os vizinhos acabaram se envolvendo na briga, ao constatarem o comportamento tóxico do casal. Uma vizinha afirmou certa vez ter visto o rosto de Bridget repleto de sangue e hematomas.¹²⁰

Entretanto, Bridget não parecia aceitar o abuso calada. Seu marido alegava que ela revidava os golpes, e já havia o agredido também. O casal chegou a ser preso por conta das constantes brigas e precisaram pagar uma multa. Bridget não parecia ter medo do marido, inclusive, em uma ocasião, Bridget foi levada até o tribunal sob a acusação de ter utilizado linguagem chula contra seu marido, o chamando de “*old devil*” (diabo velho.) Essa ocasião

¹¹⁸ K.ROACH, Marilynne. *Six women of Salem: the untold story of the accused and their accusers in the Salem Witch Trials*. Boston, Capo Press, 2013, p. 325

¹¹⁹ *Idem*, p.326

¹²⁰ *Idem*, p.337

rendeu a Bridget uma humilhação em praça pública, pelo insulto a seu marido, acusação esta vista como especialmente grave. Essa punição era conhecida como “*lecture*” uma espécie de sermão que os ministros realizavam quando alguém descumpria alguma regra. Na obra *Six Women of Salem*, a autora Marilynne K Roach descreve o ato e sua popularidade na cidade de Salem: “Na nova Inglaterra estes sermões se tornaram uma ocasião social. A cidade de Salem podia antecipar uma multidão nesse dia, e qualquer um que sofria essa punição podia esperar um público para assistir”.¹²¹

Thomas morreu de alguma doença não mencionada no verão de 1679, e por uma falta de testamento, os juizes da cidade concederam a herança à sua esposa. Um diferencial deste processo foi que a corte permitiu o uso da casa e da propriedade para Bridget pelo resto de sua vida, e não apenas durante sua viuvez, o que era o procedimento padrão na época. Desta forma, Bridget ficou com a posse da casa em que viviam, um pedaço de terra, uma variedade de objetos de casa, algumas galinhas e dois porcos. Todavia, Thomas já havia tido filhos de outro casamento que não gostaram do fato de Bridget ter herdado seu patrimônio, mesmo que ela também tivesse herdado as dívidas do marido. Ela precisou pagar o tratamento médico de Thomas, alguns débitos que ele havia deixado na Inglaterra e os custos de seu funeral.¹²² Apesar de não estarem listados como herdeiros, os filhos de Thomas também receberam uma quantia do dinheiro. Ao se tornar viúva mais uma vez, Bridget passou por dificuldades financeiras que perduraram pelo resto de sua vida.

A inimizade entre os filhos de Thomas e Bridget parece ter sido um ponto de partida para que acusações de bruxaria caíssem nas costas da mulher. Apenas 3 meses após a morte de Thomas, seus enteados a acusaram de o ter enfeitado até a morte. Entretanto, com a falta de provas, isso foi visto como apenas uma tentativa desesperada de tomarem de volta às terras do pai. Esse boato, todavia, voltou a ser mencionado ao iniciar o julgamento de Bridget.

3.2 Suspeitas e acusações

Para entender quais circunstâncias levaram ao veredicto de Bridget Bishop como a primeira mulher a ser condenada à morte por bruxaria em Salem, primeiro torna-se necessário entender todas as suspeitas e acusações que perseguiram Bridget pela cidade. Foram diversas

¹²¹ ROACH, Marylenne K. *Six Women of Salem: The Untold Story of the Accused and Their Accusers in the Salem Witch Trials*. Boston, Capo Press. 2013, p. 348.

¹²² *Idem*, p. 375.

as situações misteriosas em que Bridget esteve envolvida, levantando suspeitas pelo vilarejo. Além disso, Bridget era vista com maus olhos por toda Salem, pois todos sabiam de seu histórico turbulento e personalidade forte. Algumas pessoas na cidade diziam que ela aparecia em seus pesadelos, na forma de um espectro e os rumores sobre Bridget ser uma bruxa já circulavam há anos pela cidade antes da acusação formal. O boato de Bridget ter enfeitado o primeiro marido até a morte já era conhecido por todo o lugarejo. No ano de 1679 ela foi levada perante a Corte sob a acusação de bruxaria e foi provavelmente pela boa defesa que seu pastor John Hale fez a seu respeito que ela foi liberada.¹²³

Existem divergências entre a opinião de autores sobre o tema de Bridget ter praticado ou não a bruxaria. O autor Chadwick Hansem de *Witchcraft at Salem* acredita que Bridget era praticante da bruxaria maléfica, como cita na obra:

“Não existe, infelizmente, uma maneira de saber se Bridget estava ou não utilizando feitiços contra Richard Coman, Samuel Gray ou John Louder. Mas seus testemunhos são evidência eloquente dos poderes que acompanhavam uma reputação por bruxaria. E as bonecas, os pedaços de pano curtos demais e o arranhão no rosto do filho de Shattuck sugerem que Bridget Bishop tinha continuamente buscado poder, que ela era de fato uma bruxa, assim como a comunidade acreditava.”¹²⁴

Em uma das primeiras acusações, um escravo da cidade a acusou de ter enfeitado os cavalos de seu senhor. Ele afirmou que Bridget teria enfeitado os animais com magia, os fazendo correr até um pântano. Além disso, ele também afirmou ter visto seu espectro segurando alguns ovos roubados. Porém, não existem mais notícias sobre esse caso, sugerindo que Bridget não chegou a ser julgada por essas suspeitas.¹²⁵

Uma acusação importante foi feita pelo casal Samuel e Sarah Shattuck. O filho do casal passou a agir de forma estranha e ter convulsões em 1680, pouco depois de Bridget ter pago a Samuel algumas moedas por artigos comprados em sua loja. Na versão do Samuel, as moedas sumiram, algo que foi interpretado por ele como magia. Com a doença repentina do menino, uma pessoa sugeriu que o levasse até uma bruxa, pois acreditava-se que o garoto estava sob efeito de bruxaria, e a maneira de reverter o feitiço seria arranhando o rosto da feiticeira que o afligiu. Era uma crença comum acreditar que retirar sangue de uma feiticeira reverteria seu feitiço. Shattuck levou o menino até Bishop, que evitou ter o rosto arranhado, e além de tudo arranhou o rosto do garoto, levantado a suspeita de que era de fato uma bruxa¹²⁶. Logo, o casal passou a espalhar essas histórias, e Bridget não gostou de ter seu nome vinculado a tais boatos.

¹²³ HANSEM, Chadwick. *Witchcraft at Salem*. New York, George Baziller INC, 1985, p. 64.

¹²⁴ *Idem*, p. 70.

¹²⁵ K. ROACH, Marylenne. *Six Women of Salem... op.cit.*, p 385

¹²⁶ HANSEM Chadwick. *Witchcraft at Salem.. op.cit.*, p. 66.

Provando sua reputação como uma mulher de personalidade forte, Bridget tirou satisfação com o casal, que julgou o tom da mulher como “ameaçador.”

Em 1682, dez anos antes de seu julgamento, Goody Whatfort acusou Bridget de ter roubado uma colher, e mais uma vez, Bridget foi julgada como ameaçadora quando respondeu a essa acusação. Whatfort também alegou que, após a ameaça de Bishop, a mulher passou a ver seu espectro à noite.¹²⁷ Torna-se claro que Bridget já tinha uma reputação ruim e uma imagem de “mulher ameaçadora” dentro de Salem, além de ter criado uma reputação de ladra, pois esta não foi a última vez que Bishop foi acusada de roubar.

Bridget se casou pela última vez em 1685, com Edward Bishop, um respeitado cortador de madeira. O casal demoliu a antiga casa de Thomas, ex-marido de Bridget, a fim de utilizar o terreno para construir outra moradia. Durante o processo de demolição, os trabalhadores encontraram algo suspeito enquanto removiam a estrutura da casa: “*Poppets*”. Eram pequenos bonecos, cujo objetivo era basicamente representar uma pessoa, algo parecido com bonecos vudu.¹²⁸ Eram muito associados ao trabalho de bruxaria. O autor Chadwick Hansem explicou mais sobre o boneco em sua obra *Witchcraft At Salem*: “A boneca com agulha é um clássico encantamento de magia negra, e a enterrar em uma parede ainda era uma tática de bruxa, tal encanto era encontrado nas paredes de cabanas inglesas no século XX”.¹²⁹

Os bonecos que nunca foram provados serem da posse de Bridget, provavelmente já estavam escondidos na estrutura da casa muito antes de Bridget viver ali, porém, mais uma vez, outra circunstância misteriosa a rondava, inflamando novamente os boatos sobre bruxaria. Um dos motivos que levam o autor Chadwick Hansen de *Witchcraft at Salem* a acreditar que Bishop era de fato uma bruxa praticante é a existência desses bonecos. Enquanto Chadwick defende que Bridget teria escondido os bonecos ali, outros autores já imaginam que os bonecos estariam no sótão da casa muito antes de Bridget sequer viver ali, como é o caso da autora Marylenne Roach, que descreve o que acredita ter acontecido em *Six Women of Salem*: “Os bonecos, se reais, provavelmente haviam sido construídos na casa quando ainda era nova, e Thomas Oliver havia tomado posse da casa antes de Bridget imigrar para Massachusetts.”¹³⁰

Quando a cidade começou a comentar sobre o caso dos bonecos, mais pessoas afirmaram ter visto Bishop em seus pesadelos. Um homem chamado Richard Coman alegou ter visto Bridget entrar em seu quarto à noite, juntamente com outras mulheres que ele não conhecia.

¹²⁷ K. ROACH, Marylenne. *Six Women of Salem*, op.cit., p. 418.

¹²⁸ Idem, p. 423.

¹²⁹ HANSEM, Chadwick. *Witchcraft at Salem*. New York, George Braziller INC, 1985, p. 65.

¹³⁰ K. ROACH, Marylenne. *Six Women of Salem*.. Op.cit., p. 419.

Ele alegou que Bridget teria agarrado sua garganta com força, o tirando da cama, e que seu espectro apenas desapareceu quando fez a menção do nome de Deus.¹³¹

Um outro caso importante foi quando ela foi acusada de roubar um latão de moinho de um homem local. O artigo apareceu no gramado de sua casa e Bridget acabou convencendo sua filha a descobrir o que era. Quando sua filha foi até a cidade buscar uma resposta, perceberam que era o artigo de um homem chamado Thomas Stacy e que a tal peça havia sido roubada. Bridget se defendeu mais uma vez e disse que não havia furtado nada, muito menos admitiu ser capaz de roubar algo, como seus acusadores estavam dizendo. Ela disse nunca ter visto o artigo antes, e ficou curiosa para saber o que era, mas nunca teve a intenção de vender. O caso foi fechado.¹³²

Em outra disputa, um homem chamado William Reeves tinha suspeitas de que Bridget havia feito algum tipo de feitiço contra sua filha, uma bebê aparentemente saudável que faleceu subitamente em 1690, depois de duas semanas chorando sem parar. William e Bridget já possuíam atritos entre si, o que fez o homem acreditar que Bishop teria colocado algum tipo de feitiço maléfico em sua filha. Na época, a morte repentina de bebês era vista como ato de bruxaria, e muitas parteiras eram acusadas por participarem diretamente na relação com os bebês e suas mães. Um homem chamado Samuel Gray também alegou ter uma experiência parecida com seu bebê, quatorze anos antes dos julgamentos. De acordo com ele, ele havia acordado e visto Bridget Bishop no quarto do bebê, olhando para seu berço. O bebê fez um barulho como se estivesse sendo machucado e quando Samuel o pegou no colo, ele não conseguia mais acalmar a criança, que desde então havia estado mal de saúde, vivendo por meses em uma má condição até falecer. Um tempo depois Samuel alegou ter visto a mulher novamente, e na época do ocorrido ele desconhecia seu nome, mas agora ele sabia que era Bridget Bishop, de Salem.¹³³

Bishop foi acusada de praticar bruxaria no dia 18 de abril de 1692, por Mercy Lewis, Abigail Williams, Elizabeth Hubbard e Ann Putman Jr, as mesmas meninas que também haviam acusado Tituba, Sarah Osborne e Sarah Good. Novamente, uma mulher considerada “fora da norma” do vilarejo foi acusada, mais um alvo óbvio. Essa acusação, feita pelas meninas, pode parecer aleatória, pois Bridget tinha muitos conflitos com diversas pessoas na cidade, mas em momento algum havia sido mencionado um problema com as meninas que a acusaram. No caso de Tituba, Sarah Good e Sarah Osborne, a acusação parecia fazer mais sentido, pois Tituba

¹³¹ *Idem*, p. 67.

¹³² K. ROACH, Marylenne. *Six Women of Salem*. Op.cit., p. 439

¹³³ HANSEM, Chadwick. *Witchcraft at Salem*. New York, George Braziller INC, 1985, p. 68.

morava na mesma casa que as meninas e ambas Good e Osborne tinham embate com Samuel Parris, dono da casa onde tudo começou. Entretanto, Bridget não tinha conexão alguma com eles, tampouco conhecia as meninas. Porém, mesmo com esse fator, as meninas que acusaram Bridget pareciam perturbadas com a presença da mulher, como se ela causasse um grande desconforto somente de estar no mesmo ambiente que as garotas. É necessário entender que o maior motivo para Bridget Bishop ter sido condenada foi por conta de todas as outras situações que ocorreram desde que ela chegou em Salem, um verdadeiro acúmulo de fatos estranhos e brigas, porém a acusação feita pelas meninas também teve um papel central na condenação. Foi como um caminho necessário para condenar uma mulher que já apresentava um histórico turbulento e problemático. A autora Stacy Schiff de “*As bruxas*” sumariza a primeira interação de Bridget no tribunal:

“Essas visões – e as brigas dos Bishop – eram bem lembradas, tanto que seus acusadores ainda se referiam a ela como Bridget Oliver, sobrenome do primeiro marido. Segundo os relatos de Parris e Cheever, as meninas se agitavam a cada movimento de Bridget, que afirmou nada conhecer do diabo nem de suas acusadoras. Na verdade, não conhecia ninguém na sala, pois nunca morara na aldeia. Não sabia dizer o que perturbava as meninas nem tinha dado consentimento a nenhum mau espírito para assumir sua aparência. Não era bruxa nem sabia o que era uma bruxa.¹³⁴”

A primeira examinação de Bishop aconteceu no dia 19 de abril de 1692, um dia depois da acusação. Ela já demonstrava frustração de estar sendo acusada mais uma vez. O seu nome era um dos que mais apareciam quando se falavam de bruxas. Na época dos julgamentos, Bridget já era avó e tinha por volta de 50 anos. Ela já era conhecida por seu comportamento hostil, e já de início fez uma observação para o magistrado Hathorne, dizendo que se ela fosse uma bruxa, ele saberia. Obviamente, isso foi tomado como uma ameaça, algo que Bridget também era famosa por fazer na cidade. Ela não parecia se assustar com acusações e sempre se defendia.

No início do questionamento, os examinadores perguntaram às meninas Elizabeth Hubbard, Abigail Williams, Ann Putman e Mercy Lewis, se Bridget as havia machucado. As meninas afirmam que sim. Bridget se defende declarando que nunca havia visto essas meninas antes e que ela nunca estivera naquele lugar. Sam Gold, encarregado de fazer os questionamentos, inquiriu a Bridget se a perturbava ver as meninas afetadas daquele jeito, e ela respondeu que não. Quando ele perguntou se ela supunha que as meninas estivessem sob o efeito de bruxaria, Bridget disse que não saberia o que dizer sobre elas.¹³⁵

¹³⁴ SCHIFF, Stacy. *As bruxas: intriga traição e histeria em Salem*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2019, p. 150

¹³⁵ GOSS, David. *Documents of the Salem Witch Trials*. California, ABC-CLIO. 2018

Uma questão central para entender a acusação é que Bridget não era como as outras mulheres de Salem. Ela não era o tipo de mulher que abaixava a cabeça quando o marido lhe dizia coisas horríveis; ela respondia. Ela usava roupas mais coloridas, como um corpete vermelho e fazia coisas que outras mulheres não faziam, como se divertir e beber com os homens. O tema das roupas que Bridget usava aparece de forma recorrente, pois muitos em Salem diziam que ela utilizava roupas chamativas. A autora Marylenne Roach defende a ideia de que talvez Bridget colocasse alguns enfeites decorativos em suas roupas, como uma forma de remendar uma peça velha que estivesse rasgando¹³⁶. Talvez na juventude tivesse sido uma bela mulher que despertava o interesse masculino. Frente a situação criada, foi “natural” que ela fosse acusada de bruxaria, afinal, ela nunca correspondeu ao padrão desejado da norma puritana de Salem. Sua personalidade forte foi confundida com malícia, e quando foi acusada, não houve ninguém que presumiu sua inocência.

Ao não corresponder à imagem que seria vista como “correta” de uma mulher dentro da sociedade, entendemos como o patriarcado teve uma participação expressiva dentro da caça às bruxas em Salem. Para a historiadora Rose Marie Muraro, a sociedade passou a enxergar a mulher com outros olhos a partir do início das guerras. Antes, a mulher era vista como um ser sagrado, a provedora da vida. Entretanto, conforme os anos foram passando e as guerras se tornando cada vez mais comuns, dando ao homem um papel de liderança, o homem passou a ser protagonista e a reter o “poder cultural” enquanto a mulher passou a deter apenas o “poder biológico.” Dentro dessa lógica, a harmonia de antes passou a ser rompida e o homem assumiu o controle sobre todos os aspectos da natureza, tomando posse também da sexualidade feminina. Assim, a expectativa colocada na mulher se torna apenas uma: obedecer seu marido e lhe entregar o que ele deseja, herdeiros.¹³⁷

A autora Francis Hill sumariza bem a ideia da aversão à mulher independente ao escrever:

“Na Nova Inglaterra muitas mulheres acusadas de bruxaria eram mulheres que eram economicamente independentes de homens. Isso não quer dizer que elas eram afluentes, elas eram, na maioria das vezes, mais pobres. Mas elas não tinham pais, maridos, ou irmãos, portanto estavam em controlar da suas próprias finanças. Tal independência era rara, a aqueles que gozavam disso pareciam mais perigosos para a ordem social estabelecida¹³⁸.”

Uma explicação que a autora Frances Hill buscou para entender o porquê das mulheres que viviam sozinhas exercerem um efeito estranho na população é que, quando a percentagem

¹³⁶ K. ROACH, Marylenne. *Six women of Salem...* op.cit., p. 472.

¹³⁷ MURARO, Maria. In: Breve introdução histórica, “*O martelo das Feiticeiras*”. Rio de Janeiro, BestBoslo, 2015, pg 6

¹³⁸ HILL, Frances. *A desolution of Satan...* op.cit., p. 71.

de mulheres viúvas aumentou durante a Idade Média, elas passaram a ser vistas com um olhar de estranheza, pois não correspondiam a norma de família patriarcal da época.¹³⁹ Isso pode explicar também porque a imagem de uma bruxa foi largamente associada a uma velha solteirona, algo que perdurou o imaginário popular durante muitos anos, e é visto até hoje em filmes. Se uma mulher não tinha um marido ao seu lado, ela já estava vivendo da maneira errada, e isso já era suficiente para despertar boatos.

Bridget pode ser lida como um exemplo dessas mulheres, pois, apesar de ter se casado com Edward Bishop, ela mantinha certa independência em suas finanças. Como uma forma de ganhar um dinheiro extra e garantir sua sobrevivência, ela utilizou a casa de seu segundo marido como uma espécie de hotel na cidade, recebendo diversos hóspedes e sempre se propondo a tornar o ambiente divertido, fosse com músicas, bebidas ou danças. Aquilo foi mal visto, pois era uma mulher administrando um local cheio de homens, música e bebida. Na época, qualquer traço de independência em uma mulher já era visto de uma forma estranha, afinal, era esperado que ela não tivesse vida fora de seu casamento e de suas tarefas como mãe.

É dentro dessa lógica que podemos entender como mulheres como Bridget Bishop foram alvos óbvios dentro da sociedade. Ao responder a seu marido, motivo pelo qual gerava brigas, evidenciava que Bridget não aceitava a submissão, o que era algo desejado pela sociedade da época. Além disso, Bishop tinha um comportamento muito diferente do resto das mulheres da cidade. Em Salem, onde o único papel esperado de uma mulher era o de ficar em silêncio e cuidar dos filhos, Bridget assumiu um destaque, considerado negativo com suas ações que iam além da lógica patriarcal. Ela era conhecida por sua personalidade forte, por não ter medo de ninguém e por sempre ir atrás da verdade quando julgava ser acusada de forma injusta.

Dois meses depois de sua primeira acusação formal de praticar bruxaria, no dia 10 de junho de 1692, Bridget teve seu intimação final, acusada de usar certos tipos de bruxaria, machucando o corpo das meninas que a acusavam, as atormentando. No total, mais de 10 testemunhas disseram que Bridget tinha lançado feitiço sobre eles e alguns até chegaram a dizer que ela havia enfeitiçado também seus animais.

Depois de presa, foi realizado um exame médico em busca de “marcas de bruxa” ou “mamilos de bruxa.” De acordo com a autora Stacy Schiff em sua obra “As bruxas: Intriga, traição e histeria em Salem”:

“Nem havia orientação quanto ao que procurar: picada de pulga, verruga, pinta ou qualquer proeminência ou descoloramento podiam ser qualificados de mamilo. As parteiras cutucavam e

¹³⁹ HILL, Frances. *A desolution of Satan... op.cit, p. 77.*

pressionavam, testando a sensibilidade com alfinetes ou agulhas; era preciso esperar que o ferimento sangrasse.¹⁴⁰

Durante esse exame encontraram um “excesso de pele na região entre a genital e o ânus, não comum em mulheres.”¹⁴¹ Seis horas depois foram examinadas novamente e foi constatado que Bishop estaria livre de “qualquer marcas de bruxas” e que aquele excesso de pele seria apenas pele seca.

Bridget Bishop e outras mulheres em Salem tiveram o mesmo destino: Foram presas, sem o direito de defesa, foram despidas, humilhadas, longe de seus filhos, longe de qualquer tipo de afeto, em condições precárias em uma prisão fria e sobrevivendo a todo tipo de violência de seus acusadores.

A transcrição de parte da arguição feita a Bishop diz muito a respeito da violência e coerção a que eram submetidas estas mulheres:

Hathorne: Eles dizem que você enfeitiçou seu primeiro marido até a morte.

Bishop: Eu não sei nada sobre isso.

Hathorne: Braybook afirmou que ela disse para ele que ela era uma bruxa por 10 anos, e que o Diabo não pode machucá-la.

Bishop: Eu não sou uma bruxa.

Hathorne: Se você não escreveu no livro, o quão longe você foi? Você é familiar com os espíritos? (se referindo ao livro das sombras, onde uma bruxa colocaria sua assinatura depois de fazer um pacto com o Diabo.)

Bishop: Eu não tenho familiaridade com o Diabo.

Hathorne: Como é então, que sua aparição machucou estas? (se referindo as meninas que fizeram a acusação)

Bishop: Eu sou inocente. Eu sou inocente de ser uma bruxa. Eu não sei o que é uma bruxa.

Hathorne: Como você sabe então que não é uma bruxa?

Bishop: Eu não sei o que você diz.

Hathorne: Como você pode saber que não é uma bruxa se não sabe o que é uma bruxa?

Bishop: Estou sendo clara. Se eu fosse tal coisa você saberia.

Hathorne: Você pode ameaçar, mas você não pode fazer mais do que é permitido.

Bishop: Eu sou inocente de ser uma bruxa.

(Fonte: GOSS, David. *Documents of the Salem Witch Trials*. ABC-CLIO, Califórnia, 2018.)

O julgamento de Bishop durou apenas um dia. Estavam presentes sete juízes e o governador de Salem, Stoughton. Bridget se disse inocente, mas foi considerada culpada pelo júri em cinco acusações diferentes, e sua sentença foi de morte por enforcamento. Três décadas de boatos haviam se acumulado contra ela. Diversas testemunhas alegavam os mais estranhos casos. Uma testemunha disse que Bridget ameaçou-a afogar em um rio, outra falou que Bridget se gabava de diversos assassinatos. Uma mulher chamada Delivenrece Hobbs até mesmo disse

¹⁴⁰ SCHIFF, Stacy. *As bruxas... op. cit.*, p. 238

¹⁴¹ GOSS, David. *Documents of the Salem Witch trials*. Califórnia, ABC-CLIO, 2018.

que Bridget a espancou com barras de ferro e Susannah Sheldon disse que Bridget já era bruxa há mais de trinta anos, e que ela se ajoelhava diante de um homem negro com chapéu¹⁴². Muitas das acusações não eram recentes, como a acusação de Bishop ter espancado o filho de Samuel Shattuck, doze anos antes do julgamento. Além disso, surgiram outras acusações de pessoas que a viram atravessar portas e janelas trancadas, aparecer em lugares misteriosos, até mesmo em cima de árvores. Alguns homens chegaram até mesmo a alegar terem participado de casos íntimos com Bridget, e disseram que ela tinha o hábito de aparecer no quarto de rapazes, algo que Bridget negou veementemente.¹⁴³ Parecia que de nada ia adiantar; ninguém fornecia uma prova qualquer, mas o júri tomava cada palavra como verdadeira.

O governador Stoughton teve tempo para deliberar, e mesmo sem uma confissão direta, que era a maneira mais efetiva de chegar a um veredito na época, havia uma verdadeira mina de ouro de provas contra Bridget. O veredicto final foi lido. Ela foi considerada culpada de práticas de bruxaria contra as meninas, bem como em diversas outras circunstâncias antes. Bridget retornou à prisão, onde passou por uma segunda revista e já não encontraram mais “marcas de bruxa.”¹⁴⁴

Bridget permaneceu seis semanas em uma cela imunda, passando fome e frio, provavelmente com medo de seu destino. Por serem consideradas as prisioneiras mais perigosas, as acusadas de bruxaria eram mantidas nos calabouços das prisões, um lugar frio e extremamente húmido. Seus movimentos eram restritos por correntes e eram tratadas de forma sádica pelos guardas.¹⁴⁵

A autora Stacy Schiff expõe a árdua realidade da prisão de Salem em sua obra “As bruxas”:

“Fazia um frio insuportável nas prisões, a tal ponto que no meio do inverno as autoridades não conseguiam manter os presos no lugar. Em dezembro de 1685, o pai de Hathorne despachara um ladrão de cavalos para Barbados, convencido de que o homem morreria congelado se continuasse preso. O vento varria as estruturas gastas, a maresia em tudo penetrava. Embora o inverno de 1692 tenha sido ainda mais frio, as bruxas não foram liberadas. Nas instalações mais sofisticadas da Nova Inglaterra, Andros deposto e seu procurador podiam contar, em 1689, com pelo menos quinze centímetros de água dentro da cela quando chovia (...) A cadeia de Salem era um pouco melhor. A instalação, de quarenta centímetros, tinha um calabouço sem luz onde George Burroughs passou a primavera e o verão, e no qual só podia se sentir ‘enterrado vivo.’ A prisão já havia sido descrita como ‘um lugar barulhento, impróprio para um cristão respirar’¹⁴⁶.”

¹⁴² SCHIFF, Stacy. *As bruxas: intriga traição e histeria em Salem*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2019, p. 240

¹⁴³ HILL, Frances. *A desolution of Satan: The full story of the Salem witch trials*. Boston, Capo Press. 2002 pg 304

¹⁴⁴ SCHIFF, Stacy. *As bruxas: intriga traição e histeria... op.cit.*, p 245

¹⁴⁵ HILL, Frances. *A desolution of Satan... op.cit.*, pg. 187

¹⁴⁶ SCHIFF, Stacy. *As bruxas: intriga traição e histeria em Salem*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2019. Pg 219

Assim como foi o caso das outras pessoas acusadas de bruxaria, Bridget foi deixada à própria sorte, mesmo tendo protestado a sua inocência, mas pressentia que o veredito final já havia sido selado há muito tempo. Acumulando inimizades e conflitos desde que chegou em Salem, Bridget não tinha quem a defendesse, tampouco poderia contar com o apoio de familiares ricos ou influentes. Não houve um debate, nem a presença de testemunhas de defesa. Bridget estava sozinha contra um vilarejo inteiro que a acusava, inventando histórias mirabolantes e absurdas, que em momento algum precisaram de provas para serem lidas como verdade absoluta. Cotton Mather, homem responsável por registrar os julgamentos, escreveu: “Havia pouca necessidade de provar a bruxaria, sendo ela evidente e notória para todos os presentes.”

A autora Stacy Schiff, de “As bruxas” escreveu sobre o momento em que Bridget foi acusada:

“Bridget foi conduzida a sala do tribunal para a acusação. Um escrivão da corte a chamou pelo nome, ela deu um passo à frente e ergueu a mão para confirmar sua identidade. Foram lidas as acusações. Como se declarava? Bridget não tinha escolha senão falar em seu nome, não havia ninguém para defendê-la. Na Nova Inglaterra daquela época, não se apreciavam os advogados, e Newton era o único formado em direito na sala. Considerava-se que a pessoa inocente seria capaz de defender seu caso melhor que qualquer outro; deixada a própria sorte, a culpada não poderia esconder a verdade. Com quase sessenta anos, Bridget Bishop passara seis semanas com parca alimentação, numa cela suja e úmida. Diante da corte, apresentava-se imunda e faminta, sob intenso escrutínio, uma mulher amarga¹⁴⁷.”

Tamanha era a certeza de todos na aldeia de que Bishop era uma bruxa, e havia sido uma bruxa desde que chegara em Salem, que algumas testemunhas do caso nem chegaram a depor¹⁴⁸. Todas as acusações, desde aparecer misteriosamente na forma de espectro, de roubar artigos, de ter escondido bonecos enfeitiçados, até de machucar crianças já haviam sido lidas como prova mais que suficiente de bruxaria. Mesmo que Bridget não fosse a responsável por afligir as meninas, não poderia ser inocente de seus outros crimes. Bridget sabia que seu nome despertava ira e boatos, e havia clamado diversas vezes para que limpassem seu nome, mas não havia adiantado. Mesmo sozinha, ela tentou se defender, rebatendo histórias mirabolantes que trouxeram à tona no tribunal, dizendo que, muitas das pessoas que a acusavam de coisas horríveis, ela nem mesmo as conhecia.

Até mesmo ao ser aprisionada, Bishop continuou a ser acusada de malefícios como escreveu Paul Boyer em seu livro *Salem Possessed*: “Foi largamente notado que enquanto Bridget Bishop era encaminhada para a corte da cidade de Salem, ela lançou um olhar sob um

¹⁴⁷ SCHIFF, Stacy. *As bruxas: intriga traição e histeria em Salem*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2019, p.239

¹⁴⁸ *Idem*.

lugar de adoração do outro lado da rua e naquele exato momento, uma pesada madeira do telhado veio esmagando até o chão.¹⁴⁹”

Esses casos eram comuns dentro de acusações de bruxaria, onde o acusado praticaria atos mágicos e mirabolantes na frente de todos, provando que era bruxo. Provavelmente, tudo não passava de coincidência, como uma pedra rolar depois que alguém olhou para alguma coisa. Mas, para os habitantes de Salem, qualquer ato minimamente fora do comum já poderia ser considerado uma obra do Diabo.

George Corbin, sobrinho do juiz Corbin, foi o responsável por fazer os arranjos para o transporte de Bridget até o local de sua execução. No dia 10 de junho, às oito da manhã, ela foi levada em um carro aberto, atravessando a rua principal de Salem. Chegaram até um morro bem alto, onde seria realizado o enforcamento. Esse morro viria a ser conhecido como “Witches Hill” (morro das bruxas) por marcar o lugar de execução de diversos acusados de bruxaria. Como era a primeira pessoa a ser morta em decorrência dos julgamentos, sua morte deveria ser o mais pública possível, para que servisse de exemplo para qualquer outra bruxa na cidade. Serviria para mostrar que aquele seria seu destino: enforcada em público¹⁵⁰. A autora Stacy Schiff de “As bruxas: Intriga, traição e histeria em Salem” escreveu sobre a morte de Bridget: “Um evento desse tipo era horrendo a ponto de se tornar irresistível e servia para a instrução moral. Era o tipo de coisa a qual se levavam os filhos, que aprendiam palavras como “abominação, humilhação, mortificação, purificação. A atmosfera era de carnaval¹⁵¹.”

O pastor de Bridget, John Hale, disse algumas palavras antes do enforcamento, seguido de zombaria dos habitantes de Salem. Sua morte foi um verdadeiro espetáculo público, e nem mesmo em seus últimos momentos Bridget teve direito à dignidade ou privacidade. As meninas que a acusaram observaram-na na multidão, juntamente com outros acusadores, que sem dúvida estavam muito satisfeitos com o destino de Bishop. O espetáculo público durou pouco, e logo o corpo sem vida da mulher balançava pendurado pela corda. Em uma atmosfera de alívio, todos seguiram para suas casas, pensando que o mal estava sendo exterminado.

Por ser considerada bruxa, Bridget não teve o direito de ser enterrada num cemitério comum, sendo enterrada no mesmo lugar de sua execução, em uma cova provavelmente perto do morro. Edward Bishop, seu marido, e sua filha, Christian não compareceram à execução.

¹⁴⁹ BOYER, Paul. *Salem Possessed*. Massachusetts, Harvard University Press, 1974.

¹⁵⁰ SCHIFF, Stacy. *As bruxas: intriga op.cit*, p. 248

¹⁵¹ *Idem*

No dia 10 de junho de 1692, ao meio dia, a cidade de Salem condenou à morte uma mulher comum, uma mãe e avó, que foi julgada sem prova alguma, se defendendo sozinha, sem o direito de um advogado, de alguém que a ajudasse. A morte de Bridget foi a primeira morte na histeria coletiva que viveu a cidade de Salem. Sua morte representa a letalidade de julgamentos injustos, sem provas, sem defesa, sem amparo. Se Bridget fez parte de um processo maior que buscava, acima de tudo, assassinar reputações e se livrar de mulheres polêmicas em Salem, não existe maneira de saber ao certo. Mas a história mostrou que tudo que aconteceu em Salem não bastou de uma fantasia que o vilarejo viveu, inventado por crianças e inflamada por autoridades. Bridget Bishop poderia ser uma mulher amargurada, afinal, sua vida não foi fácil, mas dificilmente era uma bruxa. Ela era mãe, avó, esposa, mulher, trabalhadora. Bridget Bishop saiu da Inglaterra em busca de uma vida melhor e encontrou apenas desafetos em seu caminho, acusações absurdas, pessoas que a odiavam, casamentos abusivos e esposos que a surravam.

Cinco dias depois da morte de Bridget, os ministros de Boston mandaram uma carta ao governador, pedindo para que seguisse os julgamentos com cuidado, porém ainda de maneira ágil.¹⁵²

Atualmente, a cidade de Salem possui um memorial para Bridget, a primeira mulher a ser morta nos julgamentos de bruxaria. No site oficial da cidade, hoje em dia conhecida como um destino turístico para os amantes do Halloween, do místico e do oculto, eles a descrevem como uma sobrevivente do abuso doméstico, que teve um destino injustiçado. Além disso, eles fizeram um túmulo em sua homenagem, onde visitantes podem colocar flores. Bridget é lembrada até os dias de hoje como uma mulher forte e independente, que partiu de forma injusta e teve seu nome manchado na cidade por acusações que são impossíveis de saber ao certo se são reais ou não. O que se pode saber, de fato, é que o que aconteceu com Bridget e com as outras pessoas condenadas em Salem, é que tiveram um julgamento injusto e sofreram tortura na prisão, mesmo que algumas vezes não utilizassem força física. Manter uma pessoa num calabouço frio, com fome, sede e medo, está longe de ser o equivalente a qualquer crime que poderia ter sido cometido em Salem. Não se pode dizer com certeza se Bridget Bishop praticava algum tipo de magia, fosse essa magia branca ou maléfica, ou se ela de fato machucou alguém naquele vilarejo, mas Bishop não merecia a morte, fosse esse o caso. Ela merecia um julgamento justo, com a presença de testemunhas de defesa, provas, debate. Não houve nada

¹⁵² HILL, Frances. *A desolution of Satan...* op.cit, p. 305

disso, e morreu de maneira humilhante, com a cidade inteira zombando e apontando dedos, como haviam feito desde que Bridget chegou a Salem, em busca de uma vida melhor.

CONCLUSÃO

Ao longo dessa monografia, apresentei as problemáticas cercando a questão da bruxaria e todas as questões envolvendo a figura da mulher, o papel da Igreja e a misoginia. O objetivo final era entender toda a relação entre mulheres e bruxaria, e como essa questão estava presente nos julgamentos de Salem, principalmente no julgamento de Bridget Bishop.

Tornou-se claro que, com a perpetuação de um discurso misógino, que colocava a mulher como culpada pela desgraça humana desde o Pecado Original, a figura da mulher foi se aproximando de algo negativo, de uma figura vil e maliciosa, que tem a intenção permanente de tentar o homem, bem como Eva tentou Adão. Sendo apresentada como inferior ao homem, a mulher não teria a mesma força mental e por isso cairia em tentação mais facilmente, se tornando um alvo preferencial da figura do demônio, que buscaria, de acordo com a crença cristã, colecionar o maior número de almas possíveis, em uma busca para causar a destruição na terra. Facilmente corrompida por promessas de luxos e poder, a mulher se tornaria a principal aliada do demônio nessa missão, vendendo sua alma em troca de poderes mágicos. Assim, propagou-se a ideia de que a grande maioria daqueles que praticavam bruxaria eram mulheres.

Esse imaginário a respeito da mulher viaja da Europa para as colônias britânicas, quando muitos ingleses puritanos foram até Massachusetts para poder exercer sua religião de forma livre, sem censura. Ao colonizar a pequena aldeia de Salem, a população vivenciou choques violentos com nativos americanos, o que acarretou um estado de pânico crescente e ansiedade na vida da comunidade. Cercada por florestas, com medo da violência dos nativos e com seus ideais extremistas puritanos, a população de Salem vivia centrada na religião, e qualquer um que fugisse daquele padrão se tornava um estranho. A interpretação do fenômeno ocorrido com as crianças foi a de possessão dada pelo pastor local, e a única explicação possível, oferecida pelo próprio médico da cidade, foi a de bruxaria. Com o pânico já instaurado, eles buscam nas mulheres fora do padrão uma resposta para todo aquele mal, as acusando de bruxaria. Assim, como como outras mulheres pobres, sozinhas e doentes as acusadas foram Sarah Good e Sarah Osborne. A primeira mulher a ser morta, Bridget Bishop, também se encontra num campo não tradicional do modelo familiar da época: uma velha de poucos amigos, que já passara por casamentos conturbados e parecia viver fora da norma requisitada da cidade, com suas roupas coloridas e sua personalidade forte. O estereótipo de bruxa se encaixa perfeitamente na figura de Bishop, que é sentenciada a morte num julgamento injusto e repleto de acusações que não poderiam ser provadas.

Por fim, entende-se que podemos observar toda a construção da figura do mal e da bruxaria nos tribunais de Salem. Toda a tradição cristã medieval ajudou a construir e disseminar a imagem da mulher que é agente do diabo. O caso ocorrido em Salem atualiza toda uma tradição que hostilizou as pessoas diferentes, conseguiu perpetuar um pensamento de exterminação de mulheres estranhas, que não viviam dentro da norma patriarcal. Torna-se claro que o que aconteceu em Salem foi uma consequência direta de um projeto cristão que tinha como objetivo desqualificar a imagem da mulher, num processo que surgiu com a expansão do cristianismo, em uma missão para demonizar e aniquilar todos aqueles que ameaçassem o projeto de impor um pensamento único e o domínio sobre as mentes e os corpos. As mulheres foram, entre outros grupos, as que mais sofreram nas mãos de católicos e protestantes, estes ameaçados pelo medo do diferente, do imponderável e do misterioso.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes Impressas

KRAMER & SPRENGER. *Malleus Mareficarium*. Trad. Inglesa de Montagne Summers. Londres, Arrow Books, 1978.

GOSS, David. **Documents of the Salem Witch Trials**. ABC-CLIO, EUA, 2018.

Bibliografia:

PAVLAC, Brian A. **Witch Hunts in the Western World: Persecution and Punishment from the Inquisition through the Salem Witch Trials**. Nebraska, Bison Books, 2010.

RUSSEL, Jeffrey B. **Historia da bruxaria: feiticeiras, hereges e pagas**. New Delhi, Goya Publishing, 2019.

BOYER, Paul. **Salem Possessed**. Massachusetts, Harvard University Press, 1974.

CARO BAROJA. **Ler Sortières et leur monde**. Paris, Gallimard, 1972.

COHN, Norman. **Los demônios familiares de Europa**. Madrid, Alianza, 1975.

DAWSON, Christopher. **A Divisão da Cristandade. Da Reforma Protestante à Era do Iluminismo**. [Tradução de Márcia Xavier de Brito]. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente, 1300-1800**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

EHRENREICH, Bárbara. **Witches, midwives and nurses: A history of women healers**. New York, Feminist Press, 2010.

ELIADE, Mircea. **Occultisme, sorcellerie et modes culturelles**. Paris, Gallimard, 1978.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HANSEM, Chadwick. **Witchcraft at Salem**. New York, George Braziller INC, 1985.

HILL, Frances. **A desolation of Satan: The full story of the Salem witch trials**. Boston, Capo Press, 2002.

HIGGINBOTHAM, River. **Paganism: An introduction to Earth-Centered Religions**. Minnesota, Llewellyn Worldwide, 2002.

LEBRUN, François. **Médecins, saints et sorciers au XVIIe et XVIIIe siècle**. Paris, Temps Actuels, 1983.

TREVOR ROPER, H. R. **The European Witch Craze of the Sixteenth and Seventeenth Centuries and Other Essays**. New York, Harpercollins, 1969.

_____. “A obsessão das bruxas na Europa dos séculos XVI e XVII”. In **Religião, Reforma e Transformação Social**. Lisboa: Editorial Presença, s/d.

ROACH K, Marylenne. **Six women of Salem**. Boston, Capo Press, 2013.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média**. Rio de Janeiro, Editora Zahar. 1993.

MANDROU, Robert. **Magistrados e Feiticeiros na França do Século XVII**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

MURARO, Maria. In: Breve introdução histórica, **O martelo das Feiticeiras**. Rio de Janeiro, BestBoslo, 2015.

MURRAY, Margareth. **El culto de la brujeria em Europa Occidental**. Barcelona: Labor, 1978.

NORTHON, Mary Beth. **In the devil's snare: The Salem witchcraft crisis of 1692**. New York, Vintage Books. 2003.

SCHIFF, Stacy. **As bruxas: intriga traição e histeria em Salem**. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2019.

THOMAS, Keith. **Religião e o Declínio da Magia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

UPHAM, Charles. **Salem witchcraft**. New York, Dover Publications, 2010.